SALETE APARECIDA DA CRUZ

Anexo ao Processo nº 1
416197 - C.M.

AS BENZEDEIRAS DE VERA CRUZ
CULTURA POPULAR E A ESCOLA PÚBLICA
NO OESTE PAULISTA

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
MARILIA-2000

SALETE APARECIDA DA CRUZ

AS BENZEDEIRAS DE VERA CRUZ

CULTURA POPULAR E A ESCOLA PÚBLICA

NO OESTE PAULISTA

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

MARÍLIA – 2000

unesp

SALETE APARECIDA DA CRUZ

AS BENZEDEIRAS DE VERA CRUZ
CULTURA POPULAR E A ESCOLA PÚBLICA
NO OESTE PAULISTA

1410001139



Dissertação apresentada como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação à Comissão Julgadora da Universidade Estadual Paulista, Júlio de Mesquita Filho, sob a orientação da Profª Doutora Claude Lépine.

Fac. de Filosofia e Ciências
BIBLIOTECA
Campus de Marília

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

MARÍLIA – 2000

COMISSÃO JULGADORA

_____

_____

_____

AGRADECIMENTOS

- À Profª Doutora Claude Lépine pela sua orientação, que exigiu o rigor preciso sem deixar de ser, em momento algum, dedicada, atenciosa, compreensiva, amiga. Exemplo a ser seguido.

- Ao Prof Doutor Sebastião Jorge Chammé, com o qual, muitas vezes caminhei no sentido de "aprender sorrindo".

- À Profª Doutora Ethel V. Kosminsky que me iniciou nos caminhos dos métodos e técnicas de pesquisa. Mestre e amiga de muitas horas.

- Aos funcionários, professores e diretores da UNESP que contribuíram para a realização do curso de Pós-Graduação.

- Aos benzedores Maria de Lourdes Machado - D. Lula - (in memorian), Ana Pazim Galvo - D. Ana, Francisco Ferreira - Seu Ico, sem os quais não seria possível a realização deste trabalho

_ À amiga de todas as horas, Maricelda Clementino, pela paciência e dedicação com que me ajudou na digitação deste trabalho.

- Ao amigo Édson Ferreira da Silva pela solidariedade demonstrada nos momentos difíceis.

- À psicóloga Carla M. Bittencourt pelo apoio e incentivo oferecidos durante esta trajetória.

unesp

- Aos diretores de Ensino que participaram da pesquisa: Profª. Maria José Salmi, Prof. Antúlio José de Azevedo, Prof. Luiz Carlos Canedo.

- A todos os professores e aos vice-diretores que muito colaboraram com o trabalho e que, sem suas participações, não seria possível o resultado aqui apresentado. Agradeço especialmente: Profª. Maria Edna de Souza, Profª. Maísa Renata de Oliveira, Profª. Selma Rosane Cappi, Profª. Sueli Aparecida Piceli, pela franqueza e espontaneidade com que participaram da entrevista.

- Aos alunos da terceira e quarta séries do ano 2000 da EE "Dr. Clemente Ferreira".

- Aos alunos da sexta e oitava séries do ano 2000 da EE "Castro Alves".

- Aos alunos da oitava série e do terceiro ano do ensino médio do ano 2000 da EE "Profª. Dirce Belluzzo de Campos".

DEDICATÓRIA

À memória de minha mãe Maria de Lourdes, a D. Lula, que sendo uma digna representante da cultura popular, deixou-me como legado o seu saber. Aos meus filhos Paula, Walter e Carolina que tão bem souberam compreender o meu isolamento e minhas ausências durante a realização do meu trabalho.

unesp

"Uma mudança substantiva da sociedade brasileira precisa ocorrer a partir das próprias bases da sociedade. Essa é uma velha tese, mas que muitas vezes é esquecida. A transformação efetiva de uma sociedade depende de suas bases sociais, da mudança ao nível da sua própria cultura".

Moacir Gadotti

unesp

RESUMO

O trabalho aqui apresentado procurou analisar as práticas, uso e costumes vinculados aos benzimentos, bem como o seu significado para a população que deles fazem uso. Buscou, através de seus representantes, duas benzedeiras e um benzedor, conhecer como esse costume foi introduzido na região. A partir da compreensão do seu caráter histórico e da introdução do costume na região de Vera Cruz, foi possível verificar como as formas de conhecer, pensar, sentir ligadas à cultura popular, além do seu significado, interagem com a cultura oficial das escolas e a dinâmica que aí se estabelece.

unesp

ABSTRACT

The work here presented is tried to analize the practices, use and habits linked to the "blessing", as well as its meaning for the population that make use of them. It looked for, through your representatives, two "women blesser" and a "man blesser", to know as that habit was introduced in the area. Starting from the understanding of its historical character and of the introduction of the habit in Vera Cruz's area it was possible to verify as the forms of knowing, to think, to feel linked to the popular culture, besides its meaning, they interact with the official culture of the schools and the dynamics that there settles down.

unesp

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 12

CAPÍTULO I – OS BENZEDORES 18

1. Como tornar-se um benzedor 29

2. No que consiste o dom 35

3. O papel da fé na vida do benzedor 40

4. As doenças 43

5. Os clientes 45

6. Rituais de cura 46

7. Elementos simbólicos 56

CAPÍTULO II – A VISÃO DE MUNDO DAS BENZEDEIRAS 58

1. As forças do bem e do mal 66

2. O poder da intercessão e os santos católicos 67

3. O pensamento mágico nos benzimentos 68

4. Os benzimentos e sua eficácia simbólica 73

5. A representação da mulher 75

CAPÍTULO III – AS ESCOLAS 77

1. As questões emergentes no cotidiano escolar que se referem à cultura oficial 82

CAPÍTULO IV – A CULTURA POPULAR NO CONTEXTO ESCOLAR 107

1. A crença nos benzimentos 108

unesp

2. O aprendizado da cultura popular e o ensino da cultura oficial nas escolas públicas 116

3. A transmissão da cultura popular 123

CAPÍTULO V – CONSIDERAÇÕES FINAIS 126

BIBLIOGRAFIA 131

INTRODUÇÃO

A permanência de práticas alternativas de cura mágico-religiosas, advindas do meio rural onde predominou o catolicismo rústico, nas zonas urbanas atuais torna-se intrigante e suscita especulações.

A sociedade atual se quer e pretende ser calcada no pensamento racional e científico; além disso, o processo de urbanização que a partir dos anos 30 deslocou o eixo produtivo e político do país do campo para a cidade, destruiu a rede de relações que prevalecia nas zonas rurais e que permitia a conservação e a transmissão desses saberes. Embora alguns autores que estudaram este fenômeno apontem para o seu desaparecimento, tais como FONTENELLE (1959), FERNANDES (1979), QUEIROZ (1980), OLIVEIRA (1985), é possível verificar ainda a sua permanência nos meios urbanos e perceber a importância de seu significado e existência. Como é possível que apesar do desenvolvimento científico e tecnológico usufruído pelas sociedades de hoje, práticas de curas embasadas no pensamento mágico-religioso e oriunda dos meios rurais ainda possam persistir? Diante desta questão cresce o interesse pela cultura popular e dos meios que permeiam a transmissão desses saberes e as tentativas de compreender o significado dessas práticas.

Ao realizar a pesquisa com os benzedores e seus clientes, através dos depoimentos orais, foi possível penetrar no universo destes conhecimentos e

unesp

trazer através de suas falas as representações implícitas no imaginário popular sobre doença/cura e benzimentos.

Essas representações, quando entendidas como representações sociais e não como agregado de representações individuais, revelam estruturas peculiares como a mediação social, através da comunicação. Ritos, mitos e símbolos podem ser a mediação entre a alteridade de um mundo freqüentemente misterioso e o mundo da intersubjetividade humana.

> *"Assim, são as mediações sociais em suas mais variadas formas que geram as representações sociais. Por isso, elas são sociais – tanto na sua gênese como na sua forma de ser. Elas não teriam qualquer utilidade em um mundo de indivíduos isolados, ou melhor, elas não existiriam. As representações sociais são uma estratégia desenvolvida por atores sociais para enfrentar a diversidade e a mobilidade de um mundo que, embora pertença a todos, transcende a cada um individualmente"* (JOVCHELOVITCH, 1994, p.81).

Além disso, a análise do discurso possibilitou explicitar as relações que se travam entre as diferentes formas de conceber este fenômeno partindo do

unesp

senso comum para o conhecimento oficial, na tentativa de compreender a permanência das práticas mágico-religiosas no presente contexto social.

A escola, como representante oficial da cultura erudita, tem como propósito oferecer instrumentos para, a partir do cotidiano, realizar o salto para o conhecimento elaborado – o conhecimento científico. Com efeito, a escola se considera com êxito a partir do momento que consegue incorporar em seus educandos o saber científico; a ciência, concebida como instrumento de avanço da humanidade, conseqüentemente do indivíduo e da nação. Opondo sistematicamente as duas esferas da cultura popular e da cultura erudita, que é oficial nas escolas, e os modos de transmissão destes saberes, procurou-se no contexto escolar perceber como se dá a interação entre ambas. Através de entrevistas semi-estruturadas, e quando não foi possível utilizou-se de questionários aplicados a professores, diretores e educandos nas três escolas de Vera Cruz, foi possível verificar a trama que permeia a reprodução desses saberes, popular e erudito.

A pesquisa se realizou em Vera Cruz (SP) pelo fato de, neste local, a tradição apontar para uma forte tendência na qual prevalece o senso comum e o pensamento mítico; com a presença de vários benzedores no passado e no presente, cuja clientela hoje é mais ou menos assídua. A compreensão do significado dessas práticas e da dinâmica que se estabelece no contexto escolar entre a cultura popular manifesta nos benzimentos e suas crenças, e a cultura dominante, pode servir de patamar para a elevação das camadas populares através da educação.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 1 12 13 14 15 16 17 18

Os depoimentos orais das benzedeiras e do benzedor, que muito se aproximam de suas histórias de vida, refletem a formação da cidade e o seu desenvolvimento, ao mesmo tempo que transmitem a experiência adquirida e vivenciada, delineiam as relações com os membros de seu grupo, de sua profissão e com a sociedade global.

Vera Cruz, pequena cidade do interior paulista, situada à oeste do Estado, próxima à Marília, foi criada através do decreto lei nº 6.855 de 10 de dezembro de 1934 e a instalação do município deu-se a 25 de janeiro de 1935. Hoje tem aproximadamente doze mil habitantes, dos quais setenta e cinco por cento moram na zona urbana. Tal como as outras cidades da região, surgiu a partir da expansão da cafeicultura em torno de um traçado feito em 1915 pela Companhia Paulista de Estradas de Ferro, pelo qual deveria passar a ferrovia. Porém, esta só se efetivou em 1929 com a inauguração da estação ferroviária de Vera Cruz (SANTAMARIA, 1981, p.155). Com a topografia e a qualidade de terra consideradas como ótimas para o plantio do café, a cidade foi se desenvolvendo em torno de seu cultivo. Entretanto, apesar de seu desenvolvimento ter sido acelerado nos primeiros anos, quando sua população chegou atingir 18.251 habitantes em 1940, foi aos poucos sofrendo um esvaziamento populacional. Esse movimento migratório aconteceu devido à perseguição sofrida pelos imigrantes japoneses através das autoridades policiais do município a partir do início da década.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 1 12 13 14 15 16 17 18

> *"Houve nesse qüinqüênio um fator importante para o decréscimo populacional na zona rural. A perseguição tenaz e truculenta das autoridades policiais do município à colônia japonesa, depois que o Brasil declarou o estado de guerra com as Potências do Eixo, em seguida ao atentado nipônico a Pearl Harbor, em 1941"* (SANTAMARIA, 1981, p.52).

Por outro lado, a cidade não diversificou sua produção de forma significativa. Algumas tentativas foram efetuadas com a introdução da plantação de algodão e de amendoim, porém não foram levadas a diante, e prevaleceu a plantação e cultivo do café até os dias de hoje. Atualmente, tem-se dado ênfase à cultura do maracujá. Na zona urbana existe apenas uma fábrica que produz papelão e metalurgia de pequeno porte, gerando empregos para uma pequena parcela da população. Outros empregos são gerados pelo comércio local e pelas instituições públicas.

A deficiência na geração de empregos leva, principalmente os jovens, a buscarem trabalho em outras cidades. Isso tem contribuído para que não haja grande alteração no número de habitantes, conforme foi constatado pelos dois últimos censos efetuados pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

No depoimento de D. Lula consta:

"Nós viemos em 41, vinte e dois de agosto. A estrada de Pirajuí vinha para Garça, tinha tocos no meio da estrada. Era um picadão. Derrubavam mato e davam para a gente plantar. Eles davam terra nova"

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 1 12 13 14 15 16 17 18

Depois, D. Ana afirma:

"Depois de lá, nós mudamos para a Água Fria. (...) já vim completar os quatorze anos aqui. Ali também é trabalhar na roça. Nossa, ali também nós colhemos café de à meia. Depois de dois anos acabamos comprando um sítio. Mato. Derrubamos tudo. E é engraçado que o primeiro ano ali tinha tanto café. Dez mil pé deu mil sacas secas"

Considerando que Ana nasceu em 1919 – com dezesseis anos, corria o ano de 1935 - o que coincide com a instalação do município. Nos dois depoimentos, a ênfase é dada à "terra nova" – o solo rico produz em abundância. Aos poucos vai exaurindo-se devido à falta de técnicas e adubação correta e já não tem mais atrativos para favorecer a imigração, e o crescimento populacional da cidade; e aos poucos vai regredindo e depois estacionando, havendo poucas alterações até o momento atual.

É desse cenário histórico – esboçado tão apressadamente aqui – que se vê surgir os benzedores nas suas lutas cotidianas, nas quais prevalece a ética da solidariedade e o sentido ligado à existência, à produção e à construção de seus valores.

unesp

CAPÍTULO I

OS BENZEDORES

As histórias de muitos veracruzenses estão permeadas de fatos referentes à cura através de benzimentos. Aqui e ali colhem-se causos de alguém que sofreu alguma doença e foi curado por algum benzedor. É muito comum o conselho "procure tal benzedor" para alívio de algum mal. Não é estranho que a permanência dessas práticas populares em determinados locais, desperte a curiosidade de alguns estudiosos. No caso específico de Vera Cruz, o trabalho de pesquisa optou por conhecer os tipos de benzimentos praticados com mais freqüência que são aqueles ligados ao catolicismo rústico e aos seus mais conhecidos representantes; aqueles que gozam de maior prestígio e respeito entre a clientela que busca por esses serviços.

Entende-se por benzimentos aqui referidos, formas específicas de bênçãos efetuadas por determinadas pessoas, benzedeiras ou benzedores, que visam restabelecer o bem-estar físico ou espiritual das pessoas que as procuram. Essas bênçãos associam gestos, orações e materiais simpáticos, além de um contato mais ou menos prolongado entre o benzedor e seu cliente. Com raras exceções, as informações a respeito do cliente são obtidas através de terceiros e, nesse caso, algum objeto de sua posse pode representá-lo.

unesp

Embora tenha havido em tempos passados um número bem maior de benzedores, conforme atestam os dados obtidos através dos depoimentos orais, hoje, os benzedores em Vera Cruz têm ainda um papel social bastante atuante. Dentre eles foram escolhidos três representantes; a escolha deveu-se ao fato de que, conforme já mencionado acima, serem os mais procurados e, conseqüentemente, os mais conhecidos.

Esses representantes da cultura popular são procedentes da zona rural. Nasceram e viveram grande parte de suas existências nas zonas rurais.

Uma das benzedeiras, dona Lula, que hoje tem 87 anos, católica, veio da zona rural de Araraquara com toda sua família, mãe, irmãos, esposo e filho para Vera Cruz no início da década de 40 em busca de melhores condições de vida, e influenciada por parentes que haviam comprado terras virgens neste lugar e precisavam de mão-de-obra para cultivá-las. Viveu na zona rural até o ano de 1957, quando, a pretexto de dar continuidade aos estudos dos filhos, veio morar na zona urbana, ali permanecendo até o momento.

Trata-se de uma senhora de baixa estatura, bem falante, com tendência a dar ênfase aos sofrimentos passados; tem um modo de falar bem firme, é segura nos seus pareceres e opiniões. Fala com delicadeza, porém com segurança, mesmo quando parece não entender do assunto. Mora em uma casa de tijolos em um bairro popular. Goza de um certo conforto que lhe é proporcionado pela ajuda dos filhos, mas a sua renda é apenas a aposentadoria mínima – que fica abaixo do salário oficialmente estipulado. Tem um círculo de amizade bastante amplo e sua casa é

unesp

freqüentada por pessoas de várias camadas sociais. Sabe ler com certa desenvoltura, e escreve com dificuldade, talvez pela falta de hábito. Sua escolaridade foi até a segunda série do antigo curso primário – hoje ciclo um do ensino fundamental. Nos dois anos que freqüentou escola teve de morar com uma tia na cidade de Araraquara, e deixou de freqüentá-la pelo fato de ter de ajudar os pais nos serviços domésticos e também na roça.

Hoje, quem chega à sua casa é sempre bem recebido e, geralmente, convidado para sentar-se no sofá da sala. Além do jogo de sofá com dois e três lugares, duas poltronas, uma estante onde ficam alguns enfeites e a televisão completam o mobiliário. Na parede estão fixados alguns quadros: de Nosso Senhor Jesus Cristo Crucificado, outro de Nossa Senhora enviando bênçãos e outro com a fotografia de um de seus filhos. Na outra salinha há uma cômoda onde fica um oratório com a imagem do Sagrado Coração de Jesus, uma imagem de Nossa Senhora Aparecida, outra de São Lázaro e de Santo Antônio – são os santos de sua devoção. Há sempre um vaso com flores naturais - apanhadas no seu pequeno jardim doméstico, onde existe uma enorme variedade de plantas - e um pires onde são queimadas as velas. Enfim, trata-se de um ambiente simples e aconchegante.

Dona Ana, outra benzedeira que participou da pesquisa, é católica e descendente de italianos; filha de imigrantes que vieram da Itália ainda crianças. Ela tem a pele muito clara, olhos azuis e, apesar de seus 80 anos de idade, é bastante elegante, alta, magra, ágil e aparentemente muito saudável. Nasceu na zona rural de São José do Rio Pardo, posteriormente mudou-se para Garça e depois para Vera Cruz,

unesp

onde sua família comprou um sítio. Mudou-se para a zona urbana com vinte e seis anos, quando compraram um bar na cidade. Só um ano após o falecimento de seu marido, há 30 anos atrás, é que Ana deixou de trabalhar no balcão; vendeu o bar e passou a trabalhar em casa vendendo diversos tipos de mercadorias. Hoje é representante de uma empresa de cosméticos e sobrevive com uma pequena aposentadoria, além da renda proveniente do seu trabalho.

Mora em uma casa de tijolos antiga, no centro da cidade. Construída junto à calçada, pode-se observar de sua sala de estar toda a movimentação da rua. As pessoas que chegam para benzer – em média sete ou oito por dia – quase nunca batem palmas. Geralmente abrem um pequeno portão lateral e entram chamando por ela, sendo recebidas na sala de visitas contígua à sala de jantar. Nesta sala há um jogo de estofado verde claro revestido de "courvim", e sobre ele há um outro forro amarelado, provavelmente para evitar desgaste devido ao uso. Há uma pequena estante de vime e sobre ela a televisão. A parte inferior da estante é repleta de pequenos enfeites – bibelôs, com predominância para os de louça. Todos foram oferecidos como lembrança e têm um valor inestimável para Ana, que afirma ter mais de cem bibelôs. A sala de jantar é mobiliada com uma mesa quadrada de madeira, quatro cadeiras e um armário onde são guardados os copos e as louças. Sobre a mesa existe um quadro com a imagem do Sagrado Coração de Jesus. Na parede estão três quadros pendurados: um com a fotografia de seus pais, outro com a fotografia de seu filho (na primeira sala) e outro com a imagem de Nossa Senhora Aparecida. A casa é

unesp

bastante asseada; o chão é encerado manualmente e brilha. As paredes e os vidros da janela também estão bem limpos. Ela cuida de tudo sozinha.

Ana não freqüentou escola. Aprendeu a ler, escrever e um pouco de aritmética - somar, subtrair, dividir e multiplicar – com seu cunhado. Sobre isso, afirma:

"Nunca freqüentei escola. Bem dizer, um cunhado meu ensinou lá... O pouquinho que ele explicou eu fui aprendendo em casa. Passei a cartilha, o segundo livro, o terceiro livro. (...) Mas grupo, nunca tive em minha vida" Isso não impediu que Ana exercesse a função de balconista de bar onde aprendeu fazer cálculos com bastante rapidez.

Outro benzedor escolhido para participar da pesquisa foi o Seu Francisco, popularmente chamado de Ico. Muitas pessoas em Vera Cruz fazem referência ao Ico como "o benzedor de cobras".

Bem mais novo que as outras duas benzedeiras, ele nasceu em 1935. É católico e freqüentou escola, terminando o antigo primário. Moreno claro, descendente de portugueses, fisicamente é um homem franzino, magro e de baixa estatura, e usa barba em todo o rosto. Filho de pequeno proprietário, nasceu e morou durante toda infância, juventude e parte da maturidade na zona rural. Mudou-se para a zona urbana; não se acostumando, voltou para a zona rural. Posteriormente, comprou uma chácara dentro do perímetro urbano e mudou-se para lá, continuando suas atividades de homem do campo, criando animais, cuidando de algumas plantações, fazendo cercas para outros proprietários etc. Sua renda provém da aposentadoria e da

unesp

criação e venda de animais – galinhas, porcos, mas principalmente, vacas. Sua propriedade era uma chácara até dois anos atrás, mas devido a necessidades econômicas ele dividiu o terreno em pequenos lotes e vendeu-os. Hoje, ele mora em uma casa de alvenaria simples, porém confortável, juntamente com sua esposa e uma filha. Sua esposa não gosta que ele realize benzimentos. Considera o costume de benzer como contrário ao catolicismo oficial.

Durante o período de coleta do depoimento sobre sua vida e sobre os benzimentos, não chegou nenhuma pessoa para se benzer. Quando indagado sobre o fato, ele afirmou estar deixando de benzer. Entretanto, em outras ocasiões, pessoas fizeram referência a ele como benzedor atuante. Pelo que foi possível observar, ele se dedica atualmente aos benzimentos de picadas de cobras e animais peçonhentos. Existe nele uma preocupação bem grande com os animais que ele cria para vender, com animais domésticos e também com os animais peçonhentos, tal como cobras, as quais, segundo ele, obedecem as suas ordens depois de benzidas e não fazem mal a ninguém, exceto depois de serem ofendidas ou maltratadas.

É possível observar algumas características comuns aos três benzedores, segundo os seus depoimentos:

a) São católicos;

b) São descendentes de europeus: portugueses – D. Lula e Seu Ico, e de italianos – D.Ana;

unesp

c) São nascidos e criados na zona rural, e viveram em Vera Cruz num período de formação das lavouras, de derrubadas das matas nativas e nascimento da cidade;

d) Na família dos três benzedores existia algum parente que benzia; às vezes, dois ou até três parentes. Na família de D. Lula, o tio Nêm era considerado como um grande benzedor; o Seu Zé Julião também era da mesma família. O avô e a mãe de D. Ana benziam. O pai do Seu Ico benzia e seu sogro, que era português, foi considerado um grande benzedor.

Pode-se supor que esse costume de benzer tenha vindo com os imigrantes católicos europeus, que ao depararem com tantas adversidades que lhes eram impostas no meio rural, ali cria forças e prolifera. As preces católicas se transformam diante dessas circunstâncias, adquirindo uma nova significação representando as forças dos despossuídos. Lembrando que:

> *"A relação entre o objeto e o seu símbolo é uma relação abstrata, uma relação estabelecida em termos de irrealidade. Tal relação seria, precisamente, a base da função simbólica: é através da construção de um sistema de símbolos que o homem apreende o mundo. O mundo exterior, a fim de existir para o sujeito, sofre uma transformação. Desaparece na sua realidade bruta para renascer sob forma de universo simbólico. O universo simbólico, porém não é um 'ersatz' do universo real: é o mesmo universo transfigurado na*

> *elaboração que sofreu, mas real. Sem essa transformação, o homem não poderia assimilar-se ao mundo, ou mais exata e simplesmente, a simbolização é o aspecto abstrato da relação do homem ao mundo. Desta maneira, vemos destacar-se o caráter paradoxal da função simbólica: consiste em estabelecer relações irreais para permitir a adaptação do homem à realidade"*
> (AUGRAS, 1967, p.4-5).

As privações e a penúria sofridas por aqueles que vêm em busca de novas terras para cultivar; a esperança que os atraem, e, às vezes, as decepções sofridas, os aproximam dos mitos e dos heróis. A saga do imigrante que deixa a terra é a saga do herói que sai de sua terra em busca da fortuna na terra prometida; não a encontrando e passando por inúmeras dificuldades, quer voltar, mas já não pode porque não tem recursos, como vemos no seguinte depoimento de D. Lula:

Pesquisadora: Por que vocês vieram para Vera Cruz?

Benzedeira:"Por que acharam que era melhor; lugar mais novo para a gente viver, trabalhar, plantar.

Pesquisadora: Vocês achavam que era melhor?

Benzedeira: Achávamos, porque eles davam terras novas, né? Derrubavam mato e davam para gente plantar. Eles davam terra nova.

Pesquisadora: E qual a vantagem da terra nova?

Benzedeira: Colheita.

Pesquisadora: Colhe mais?

Benzedeira: Viche!

Pesquisadora: No começo, o que vocês acharam daqui?

Benzedeira: Ninguém gostou daqui; todo mundo queria voltar para trás, não tinha recursos".

A adaptação faz-se necessária, não tem volta. Essa atitude do imigrante europeu e do migrante das zonas rurais, aproxima-se também da atitude messiânica tão presente no imaginário da população brasileira, e que está refletida na procura da "terra sem mal" pelos tupis; do "eldorado" pelos portugueses; e do mito do Sebastianismo presente em várias regiões do Brasil. O acesso a médicos era difícil, a morte caminhava muito próxima da vida, como vemos nos depoimentos seguintes.

Depoimento de D. Lula:

Benzedeira: "Eu vendo essa menina quase morrendo, levei ela para benzer.

Pesquisadora: Nessa época, os benzimentos eram muito comuns nas fazendas, nos sítios?

Benzedeira: Ah! Era. Toda vida teve benzedor, gente especializada; e tinha gente que acudia mesmo, salvava até da morte com benzimentos. Como muitos, eu vi.

Pesquisadora: Eles procuravam médicos?

Benzedeira: Procurava nada. Não tinha. Para andar... condução não existia onde morávamos. Médico tinha um na cidade. Então, os coitadinhos

apelavam era para quem benzia, para quem sabia remédios caseiros. E era tudo bem tratado; saravam todos".

Nos depoimentos de D. Ana:

"Nasceu e morreu. Fiquei cinco dias ruim nas mãos das parteiras e nem teve parto, foi tirada a ferro. (...) Estava um dia de chuva, ele encrencou o carro. Era estrada de chão naquele tempo, ele chegou lá já atrasado. Ele falou se passasse aquela noite eu morria. (...) Porque se ele não tirasse aquela noite, eu podia morrer. (...) *' Se nós levar ela pra cidade, ela pode morrer na estrada. Então, o jeito é fazer* (o parto) *aqui em casa mesmo".*

"(...) eles foram chamar nós pra ir no velório que o menino tinha morrido. Minha mãe falou: ' Não tá morto'. E a família da criança:' Tá morto. Ele tinha caído'. 'Não, o menino não tá morto.' E o menino acordou mesmo. Aí, minha mãe foi benzendo; fez até novena. Eu nunca me esqueço que no fim – eu conto dou até risada – que o menino sarou".

No depoimento de Seu Ico:

"O Luiz morreu bestamente. (...) Brincadeira! Um empurrou um copo de bebida; ele bebeu, depois caiu no chão, andou como daqui na esquina e caiu. Puseram ele na costa e vieram embora; chegaram de noite, não iam fazer nada. A mãe do Luiz – mulher simples - puseram ele na cama. (...) Ele roncava. Quando foi no outro dia, ela chamou. Não atendeu, tava roncando. (...) Vamos chamar o Janini (médico). A primeira consulta que o Janini foi fazer na fazenda. (...) Aí 'peguemo' ele,

'peguemo' o carro, trouxemos no hospital. Chegou aí, pensamos que tava vivo, tava morto. Nem chegar no hospital deu tempo".

À dificuldade de acesso ao médico somava-se a simplicidade das pessoas, por não saberem distinguir a gravidade do problema de saúde. Morria-se por parto difícil, por uma queda traumática ou uma intoxicação, um coma alcoólico etc; problemas que hoje são superados com relativa facilidade quando socorridos a tempo.

As picadas de animais peçonhentos eram outra ameaça à vida. Não tendo fácil acesso a soros antiofídicos ou outros meios para combater o veneno transmitido por esses animais; o medo à ameaça que eles representavam era uma constante na vida de quem derrubava matas nativas, de quem lidava com rebanhos ou cuidava das lavouras novas, onde o mato havia sido derrubado recentemente. Evidente que nessas condições, o meio mais rápido de se obter uma ajuda era procurar um benzedor ou benzedeira que na maioria das vezes, além dos benzimentos, dominavam o saber dos remédios caseiros. Conforme afirma D. Lula, quando se pergunta a ela se as pessoas da comunidade rural procuravam médicos: *"Procurava nada. Não tinha. Para andar... condução não existia onde morávamos. Médico tinha um na cidade. Então, os coitadinhos, apelavam para quem benzia, para quem sabia remédios caseiros".*

Segundo ela, os benzedores não apenas faziam como também ensinavam como preparar esses remédios: *"... eles ensinavam (os benzedores), que nem eu ensino para o povo. Outros não sabiam fazer, eles faziam e davam pronto para a gente".*

unesp

Esse saber não pertencia ao domínio exclusivo do benzedor (ou benzedeira), mas era transmitido àqueles que queriam ou necessitavam aprendê-los. No meio rural essa forma de ajuda era extremamente valorizada, e o benzedor sabia dessa necessidade e conservava esse saber para poder transmiti-lo.

1. Como tornar-se um benzedor

Por que determinadas pessoas benzem? Seria realmente uma questão de dom? Como se processa a cura? Quais os elementos imprescindíveis no processo de cura?

Para responder estas questões, procurou-se analisar como se deu o processo de iniciação dos benzedores aqui pesquisados, e o movimento contínuo desse processo que se estende e amplia-se através de suas experiências vividas. Dentro desse mesmo processo, pelo qual se transformam e ao se transformarem, transformam o mundo em que vivem e aprendem uma nova forma de conceber a vida e a graça de viver. Partindo do depoimento de D. Lula pode-se verificar que o seu primeiro benzimento foi efetuado em uma vizinha, cujo problema de saúde apresentado foi um corte profundo no pé, que infeccionou devido ao uso de remédio inadequado: "urina e fumo". Os sintomas eram: pé inchado, muita dor e vermelhidão. A necessidade de um atendimento urgente, para aliviar os sintomas, levou a mãe da

unesp

vizinha ferida (Santa) a buscar na D. Lula um poder de cura, conforme verifica-se no diálogo narrado pela benzedeira, entre ela e a mãe da paciente:

"Vamos lá em casa benzer a Santa.

Eu não benzo.

Você benze sim. Você sabe tantas orações bonitas para rezar o terço; como você não sabe benzer?

Não sei benzer. Nunca benzi nada.

Vamos lá, mulher! Você vai benzer e ela vai sarar".

D. Lula configura uma certa representação social: uma mulher que sabe orações; não orações quaisquer, mas orações com qualidades "bonitas" que agradam a Deus e às pessoas. Um saber específico, portanto, que pôde elegê-la como benzedeira e nessa concepção, preencheu os dados da benzedeira no imaginário popular.

No seu segundo benzimento, a pessoa curada foi a própria mãe da benzedeira. O problema de saúde apresentado foi a erisipela, causada pela infecção de um arranhão na pele. Os sintomas eram: dores fortes, arrepios, vômitos e alucinações, provavelmente provocados por uma febre alta. Nesse segundo caso, a própria família a elegeu como benzedeira. A mãe da benzedeira, pelo fato de dizer-se incrédula em relação aos benzimentos, foi recusada como paciente por outro benzedor, que se negou a benzê-la. D. Lula declara:

"Ela (a mãe) *estava variando, vomitando que nem uma doida, com febre... Ele* (o benzedor) *falou pro Guido* (irmão mais novo): *' Eu não vou benzer sua*

unesp

mãe. Ela não acredita em benzimento. Ela zomba de quem benze". A vizinha da mãe da benzedeira, vendo seu estado de saúde agravando-se, foi chamá-la, nestes termos: *"Vai lá Lula, acudir a sua mãe. Sua mãe tá lá ruim, com uma esipela. Tá dando dó de ver. Está gritando, com uma febre que está vermelha".*

Após efetuar o benzimento há a manifestação da cura, conforme foi narrado: *"Ela dormiu* (à tarde). *À noite, não teve dor-de-cabeça; na manhã seguinte pôs os pés no chão e andou, cortou a febre, a dor-de-cabeça e o vômito".* Assim, a benzedeira obtêm o reconhecimento da própria família: *"Ela tem a mão santa para benzer, decerto a sua boca é santa".* A partir desses acontecimentos, deu-se a iniciação de D. Lula como benzedeira.

No caso da benzedeira D. Ana, é a própria mãe que lhe ensina o ofício da benzeção, conforme depoimento:

"Foi por intermédio da minha mãe mesmo. Eu não sei se foi vocação minha; me deu aquilo que eu queria fazer. Depois de casada. Um dia, cheguei nela e falei: 'Mãe, eu queria tanto aprender a benzer. A mãe me ensina?" A iniciação dela como benzedeira se dá pela manifestação do desejo de exercer essa função, que é legitimada pela família – o avô que benzia, a mãe que aprende com o pai e ensina à filha, pelo consentimento do esposo e mais tarde pelas próprias irmãs ao deixarem com ela o terço que serviu como instrumento material para os benzimentos efetuados pelo avô e pela mãe. Aos poucos a benzedeira vai aperfeiçoando seu ofício, conforme demonstra a sua fala:

unesp

"... aprendi o que ela (a mãe) *me ensinou. Fui aprendendo mais coisas, de orações que eu aprendi. Mais outros que, às vezes, ensinava alguma coisa assim. (...) Teve uma senhora (...) ela ficou freira uma porção de tempo e depois ela saiu (do convento). Morava na fazenda e ensinou uns par de benzimentos. (...) Quem é freira sempre sabe tudo, né!".*

Em outra passagem, D. Ana afirma que aprendeu alguns benzimentos em livro.

Com o Seu Ico não foi muito diferente de D. Ana. O pai dele benzia e ensinou-o a benzer. Ele declara: *"Eu aprendi um pouco com meu pai. Eu aprendi certas coisas, depois fui aperfeiçoando por minha conta".*

Ele começou benzer depois de casado. Aprendeu benzer "bicheira" com o seu pai e cobra com o sogro. Considerando que a profissão do Seu Ico estava ligada à criação de animais, pode-se verificar três aspectos no seu aprendizado:

a) A princípio, é levado a benzer animais pela necessidade de se proteger das cobras nas pastagens e pela necessidade de restaurar a saúde dos animais que criava;

b) Com o decorrer do tempo, pode-se observar no seu discurso que o seu modo de conceber a vida vai se transformando e é despertado nele um profundo respeito pela vida dos animais. Ele deixa de matá-los, apesar disso afetá-lo profissionalmente. Conforme aponta o seguinte depoimento:

"Naquele tempo eu não benzia e matava criação. Matei novilha, matei carneiro, tudo quanto é criação. Hoje, só tem eu e minha vida; falei: ' Nunca

unesp

mais!' Comecei a benzer e ver. Eu benzia e sarava. Comecei a pensar: ' A gente sacrifica um animal... A criação tem vontade de viver como a gente tem, mesma coisa. E se dói em mim, dói na criação do mesmo jeito.'(...) Aí, não mato mais. Eu crio e vendo, mas não mato".

c) Uma outra crença é despertada no Seu Ico: quem tira a vida de um animal é punido em sua própria vida, sobretudo no aspecto financeiro.

"E tem quem cria e tira o caminho de um animal, no fim da vida acaba num lamento. Nunca vi açougueiro bem. Aqui em Vera Cruz, vi ficar numa miséria que faz dó. E era grandão (rico)*; tem muito menos do que eu".*

E incentiva a não matá-los: *"Eu falei para ele uma vez: ' Olha, você cria e vende – é uma coisa. Um serviço bom de fazer, sem ser esse, matar uma criação. Arruma outro serviço, larga disso, larga".*

O benzedor tem uma certa autonomia sobre os benzimentos. A eles pode acrescentar novos elementos, bem como substitui-los por outros ou apenas retirá-los para facilitar o ato da benzeção, como nota-se no caso dos três benzedores.

Depoimento de Seu Ico:

"Meu pai benzia lombriga de criança com ramo, ele não falava. Eu benzo sem ramo. Só cruz e fé. Se não tiver fé não adianta".

Dona Lula, depois de certo tempo benzendo com pano, linha e agulha (costurando), deixou de lado o paninho. À pergunta 'e sem o paninho cura do mesmo jeito?', ela respondeu: *"Mesma coisa. É até melhor porque não vai ocupar a*

palavra do outro, e no paninho ocupava. E você fazendo desse jeito, se pega um mau-jeito, um machucado, benze, num instante sara".

No caso de D. Ana, observa-se a substituição de materiais no seguinte depoimento: *"A gente tem que olhar no lugar, a oração que é feita com palha de milho mesmo. Se não achar palha de milho, a gente acha então qualquer outra coisa. Faz o nó, amarra e vai jogando para trás".*

Pode-se também criar novas formas de benzimentos, como se vê a seguir, no depoimento de Seu Ico:

"Uma ocasião, nós tava lá na fazenda; tinha um sítio, colonião bem seco morro acima. O Costinha vai lá e põe fogo no pasto. Pulou, veio pra fazenda. Eu tava lá, vi aquilo e disse: 'Vai matar toda essa boiada que está aqui.' Aí não tinha outro jeito. Falei: 'Vá. Pode ficar sossegado".

Nesse momento, diante da necessidade e do medo, o benzedor se apropriando de seu dom para benzimentos, toma a decisão de benzer o fogo e descreve o seu procedimento: *"Aí então, eu peguei e desci. Ele (o fogo) vinha vindo lá. Desci aqui e ali e fui abrindo o capim e descendo, descendo e rezando, pedindo pro Seu Zé Julião que segurasse o fogo"* (Obs: Seu Zé Julião era benzedor já falecido na época). Depois descreve a graça alcançada, ou seja, o resultado: *"O fogo veio até o capim que eu passei, pra cá o de cá queimou; o de lá ficou. Onde o meu pé passou, chegou até aqui, daqui pra cá apagou o fogo".*

unesp

Além dessa possível autonomia presente nos benzimentos no que se refere aos gestos, às orações e materiais simpáticos, o dom e a fé são elementos imprescindíveis para o benzedor.

2. No que consiste o dom

Ao procurar explicação para o dom, QUINTANA (1999, p.81) fornece o dado: *"Ele* (o dom) *parece consistir principalmente em uma comunicação privilegiada com o sobrenatural, na qual se baseia sua força e seu conhecimento".*

O dom, de acordo com OLIVEIRA (1985, p.34), é um marco na vida do benzedor, como se fosse um divisor de águas. O dom divide a vida da pessoa em antes e depois do dom, ocorrendo muitas vezes através de uma revelação mística, ou uma visão, da cura de uma doença incurável, de uma voz que orienta o benzedor no sentido de retribuir a graça de uma benção que recebe dos santos.

O sinônimo de dom é: donativo, dádiva, dote ou qualidade natural. Então, o dom seria uma dádiva divina recebida pelo benzedor de alguma forma, natural ou sobrenatural. Sob esse aspecto, pode-se dizer que o dom não existe no caso dos benzedores de Vera Cruz.

Mas que nome dar a essa capacidade curativa, esse poder que essas pessoas – os benzedores – alegam e demonstram ter? A essa capacidade aqui referida chamar-se-á dom. Nesse sentido, pode-se verificar nos benzedores de Vera Cruz, que

unesp

o dom está intimamente ligado à fé e à experiência de vida; que o dom e a fé são qualidades inerentes aos benzedores, mas podem ou não existir antes da pessoa tornar-se benzedor. Nos casos estudados e aqui referidos, ao que parece, o dom se formou juntamente com o mesmo processo que transformou o indivíduo comum em benzedor e, nesse sentido, o dom da cura não é natural, mas construído culturalmente.

Quando D. Lula benze pela primeira vez, não é ela que se coloca como benzedeira. É a cultura que ela representa que faz dela uma benzedeira: *"Ela sabe orações. Tantas orações bonitas. Ela sabe rezar o terço"*. Ela domina um saber que socialmente pode levá-la à condição de benzedeira, e apesar da sua negação como tal, o seu grupo social a reconhece como portadora do dom: *"Vamos lá, mulher! Você vai benzer ela e ela vai ficar boa"*.

Na seguinte fala de D. Lula, vê-se que ela se reconhece como alguém capaz de realizar a cura através do benzimento, mas que esse processo se faz através da experiência e da aprendizagem. Quando diz:

"Agora, benzimentos através da oração a gente alcança muitas graças, sim. É por isso que é bom em tudo, tudo a gente aprender. E eu fui criando fé. Pois o primeiro benzimento que eu fiz foi nessa Santa, irmã do João Batista, com essa esipela. Eu fiquei benzendo esipela".

A mesma lógica que a leva ao aprendizado dos benzimentos leva-a também a aprender os remédios caseiros; sobre eles, ela diz:

"Esses aí você vai tirando, você vai sabendo o efeito de um para o outro e vai dando certo". Depois acrescenta: *"Não, não tem nada de ninguém o que*

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

eu faço. É do meu sentido, é da força que Deus me dá. Não tem nada de ninguém. Ninguém me ensina nada. Faço tudo de boa vontade. Tem dado certo. Louvado seja Deus".

É a experiência que mostra a D. Lula a capacidade curativa dos remédios. Parece óbvio que ela já tem um conhecimento prévio dos seus efeitos, e a eles, ela acrescenta outros - na realização de sua própria bricolagem; quando diz "é do meu sentido", pode-se entender que é do seu conhecimento e quando se refere "à força que Deus me dá" pode-se entender como o impulso que a move no seu desejo de ajudar.

De acordo com o depoimento de D. Ana sobre o seu processo de aprendizagem dos benzimentos, pode-se perceber que ela é levada pelo seu desejo de servir a comunidade e não por um dom manifesto anteriormente; sendo esse desejo valorizado socialmente. Pela sua história de vida, ela já tinha um conhecimento a respeito da eficácia dos benzimentos, pois seu avô e sua mãe eram benzedores. Ana relata o seguinte:

"Foi assim: eu fui aprender na minha mãe, num dia de Sexta-Feira Santa. Aqueles que eu não aprendi de cor, eu escrevi eles; porque é o dia melhor que tem é Sexta-Feira Santa e dia de Natal. É, são os dias mais fortes do ano pra gente aprender. Dizem que é bom para quem ensina e é bom para quem aprende. Dizem que quem ensina não perde a força e quem aprende já é melhor" E depois: *"Mãe, eu quero aprender. Eu quero, mas tem muita gente que diz - eu acredito, que se eu aprender não vai valer como a senhora".*

unesp

Nesse depoimento podemos notar que o dom se relaciona com os dois mais importantes dias santos do catolicismo, que remetem ao nascimento e à morte de Nosso Senhor Jesus Cristo. Embora sejam dias de obtenção de graças para os católicos, isso não garante a presença do dom, tanto que D. Ana ainda fica temerosa de falhar nos benzimentos e só com a experiência concreta do ato de benzer é que se firma como portadora do dom, conforme afirma: *"Aquele dom da pessoa... Tudo isso eu fui tirando depois"*.

Ao observar o depoimento do Seu Ico temos: *"Comecei a benzer e ver. Eu benzia e sarava"*. E referindo-se a outras pessoas a quem ele ensinou:

"O Oronte, pai dele, aquele é um dos homens que queria aprender a benzer. Falei: ' Não tem segredo, tem fé. Essas coisas... Vou te ensinar, mas na hora de benzer a vaca não vai adiantar.' Eu ensinei pra ele. Benzeu uma vez, não sarou. Acabou" (...) *"Eu já ensinei dois; ninguém quer por causa das obrigações. Se ensinar e a pessoa fizer o bem, chateado não adianta não, não adianta fazer que não sai mesmo"*.

Mas quais são as obrigações a que o Seu Ico se refere? Procurando saber mais sobre os seus benzimentos, foi possível entrevistar uma irmã de sua esposa que revelou que as obrigações consistem em, além das orações diárias, jejuar e não praticar sexo às sextas-feiras. A quebra do tabu impede a obtenção de graças e o benzedor perde a sua força e o seu dom de benzedor. As graças também são pedidas diariamente. *"Hoje eu peço a graça pro dia de hoje. Amanhã eu peço pro dia de*

unesp

amanhã; para proteger eu e minha família, para me dar força, para dominar cobra e outros (animais)".

Portanto, o dom é obtido através de algumas regras prescritas pelo benzedor, ele é construído no dia a dia com a obtenção do sucesso da cura e o aumento da fé. Pode-se dizer que o dom está relacionado com as seguintes regras de conduta do benzedor:

a) A persistência do ato de benzer e no seu aperfeiçoamento que leva à obtenção da cura;

b) Não pensar em fazer o mal e só fazer o bem;

c) Não matar animal (no caso do Seu Ico);

d) Não sentir ódio nem raiva;

e) Não sentir medo;

f) Ser resignado no sofrimento.

A realização da cura produz no benzedor um sentimento mágico de poder, que faz crescer a fé nos benzimentos; por isso o dom e a fé são processos cumulativos que estão diretamente relacionados com a experiência e a obtenção do sucesso nos benzimentos.

unesp

3. O papel da fé na vida do benzedor

Nos seguintes depoimentos, pode-se verificar a importância e o significado da fé na vida do benzedor.

"Eu toda vida tive fé", afirma D. Lula.

Ainda criança, D. Lula, movida pela fé nos benzimentos leva sua irmã mais nova para benzer, sem autorização de sua mãe. O benzimento é coroado de êxito. A partir do seu primeiro benzimento, ela diz*: "E eu fui criando fé, criando fé"*. E em outra passagem*: "Ué, se tenho fé e vou fazer uma oração, claro que eu tenho confiança em Deus que eu vou ser atendida; agora não tem nada a ver com a sua fé* (com a fé da pessoa que é benzida*). Tem a ver com a fé da pessoa que benzeu; daí a pessoa sara e sabe que foi a pessoa que curou"*.

Dona Ana revela:

"A fé vem da natureza da pessoa. Eu desde criança. (...) Eu não esqueço que eu tinha uma fé. E eu tinha aquela fé". (...) Toda vida fui chegada, eu nunca fiz nada sem fé". (...)*"A primeira vez que eu fiz, juro por Deus, fiz com tanta fé que tinha hora, parecia que no quarto onde é que eu rezava,(...) clareava tanto que parecia que eu estava no meio de uma luz divina, de tanto que eu pedia, de fé, de tanto que eu sofria".* (...) *"Tudo que eu faço, eu faço com fé. ... eu acho que a fé tem que estar na frente. Já não tem um ditado que a fé remove montanha? Eu acredito. (...) A fé parte do coração da gente. Uma confiança, por exemplo: Você tem que ter fé e crê... Até um remédio tomado com fé, eu acredito já faz mais efeito. E até uma*

unesp

água...(cura). *Se é eu que tomo e peço pra aquele outro* (doente), *tem que ser da minha fé; porque é eu que tô tomando a água. Então, é por isso que eu falo: Têm coisas que, às vezes, a gente sara por fé. Às vezes, nem é aquele benzimento que a gente vai fazer. É pela fé que tem que vai ser atendido. Até um trabalho que eu vou fazer é com fé em Deus; que logo vai sair o serviço, logo ele sai*".

Nos depoimentos do Seu Ico sobre a fé tem-se:

"Meu pai benzia lombriga de criança com ramo, ele não falava. Eu benzo sem ramo. Só cruz e fé. Se não tiver fé não adianta. Porque a gente pede com fé e eu sou atendido". (...) *"Mas tem que fazer com muita fé. Enquanto tiver fé. Se quando eu aprendi, eu peguei outros benzimentos, mas se não tiver fé não adianta nada".*

À pergunta 'o que é a fé que você diz', o Seu Ico respondeu*: "A (fé) é acreditar. É ter certeza que vai acontecer; e quando você vai benzer, tenha certeza que vai sarar. Sara".* E à outra questão 'o benzimento depende da sua fé ou daquele que vai benzer', ele respondeu*: "Da minha fé... Sara porque eu tenho fé. Eu acredito que vai sarar".*

Através destes depoimentos, pode-se verificar que os três benzedores são unânimes ao afirmar que a cura efetuada pelos benzimentos depende da fé que eles têm.

FROMM (s.d., p. 27) define a fé nos seguintes termos:

unesp

> *"A fé não é uma forma fraca de crença ou conhecimento; não é a fé nisto ou naquilo; a fé é a convicção sobre o que ainda não foi provado, o conhecimento da possibilidade real, a consciência da gravidez. A fé é racional quando se refere ao conhecimento real que ainda não nasceu; ela é baseada na capacidade de conhecimento e compreensão, que penetra a superfície e vê o âmago. A fé, como a esperança, não é a previsão do futuro; é a visão do presente num estado de gravidez.*
>
> *A afirmação de que a fé é a certeza necessita de uma restrição. É a certeza sobre a realidade da possibilidade, mas não é certeza no sentido da previsão indiscutível.(...) Este é o paradoxo da fé: é a certeza do incerto. É certeza em termos de visão e compreensão do homem; não é certeza em termos do resultado final da realidade. Não precisamos de fé naquilo que é cientificamente previsível, nem tão pouco pode haver fé no que é impossível. A fé é baseada em nossa experiência de vida, de nos transformarmos. A fé que outros podem mudar é o resultado da experiência de que posso mudar".*

Mas não foi dessa transformação que o Seu Ico falou? E as três coisas que a D. Ana diz que a fazem viver não são a fé, a esperança e o amor? É essa certeza no incerto que também faz D. Lula ainda criança levar a irmã para benzer – é a fé que ela afirma ter.

unesp

4. As doenças

Os benzedores são procurados para promover a cura de algumas doenças, tais como: erisipela, íngua, sapinho, quebranto, cobreiro, tosse comprida, lombriga, caxumba, mal de simioto, bicheira de animais, picadas de animais peçonhentos (cobra, aranha) e de insetos (marimbondos, abelhas) etc. Também socorrem no caso de machucaduras e distensões; de doenças ligadas ao aparelho reprodutor das mulheres como a suspensão de menstruação, recaída de dieta. Benzem os males causados pela inveja e mau-olhado, bem como os advindos das forças da natureza: tempestades, raios, trovões e fogo.

É possível observar que os benzedores benzem as doenças:

a) Provocadas por agentes estranhos à natureza do homem (vírus, bactérias, bacilos etc) que em contato com seu corpo provocam infecções, produzem toxinas e envenenamentos;

b) Doenças cuja origem está no próprio corpo; no caso da mulher, como a suspensão de menstruação e recaída de dieta (relacionado com a emoção: susto, medo, concepções de alimentos quentes e frios etc.);

c) Males cuja origem está na natureza do homem, mas de causa não biológica: a inveja, o mau-olhado, o quebranto etc;

d) Males cuja origem está na natureza do universo: raios, tempestades, trovões, fogo etc.

unesp

Com referência às doenças dos itens a e b, o desenvolvimento científico e tecnológico tem oferecido um alto índice de recursos que hoje são utilizados pelas pessoas, mas apesar deles, a busca da cura através dos benzimentos ainda persiste conforme pode ser constatada nos seguintes depoimentos.

Depoimento de D. Lula:

"A criança fica, às vezes, internada oito dias no hospital; sai do jeito que entrou. Vai na minha casa, eu pego e benzo. Quando é outro dia, a criancinha está boa".

Depoimento de D. Ana:

"Já vieram umas par de pessoas pedir pra benzer de esipela, eu falei: Quer que eu benzo, eu benzo daqui porque soube que lá (no hospital) *eles não quer que benze". (...) "Olha D. Ana, mesmo tratando com remédio ele foi se benzer".*

O Mal de Simioto que *"vai secando a carne e o couro, gruda nos ossos e não tem mais jeito"* e só atacava crianças pequenas; refere-se a uma profunda desidratação e subnutrição que levava as crianças a óbito. *"O médico não cura essa doença. Quando fica muito velha, a doença mata".* E que *"hoje é mais dificil, mas algum tempo dava muito"*, conforme afirma uma das clientes de D. Ana, praticamente desapareceu, possivelmente devido a obrigatoriedade dos cuidados para com o recém-nascido até os três anos de idade. O mesmo se dá com a coqueluche, parotidite, cujo tratamento através de vacinas que são bastante eficientes, tem dado resultados satisfatórios. No caso de suspensão de menstruação, recaída de dieta, o

diagnóstico médico e a medicina científica têm oferecido outras interpretações para esses problemas de saúde, onde não mais veicula o conteúdo do imaginário que prevalecia na época da formação da cidade.

Sabe-se que devido a sua efetiva eficácia, a medicina oficial prevalece sobre a medicina rústica e, especialmente em relação às curas-mágicas. (MONTERO, 1985, p. 58) Sob esse aspecto pode-se entender a permanência e a busca pela cura que envolve os benzimentos como um processo em mudança, em cujo sistema de cura está presente uma ressignificação. A mesma ressignificação que está presente na apropriação de determinados significados que, sendo projetados a partir do imaginário popular, envolvem forças incontroláveis da natureza do homem ou do universo e que permitem mediante essa apropriação torná-las tangíveis e controláveis.

5. Os clientes

Através dos depoimentos dos benzedores, da própria clientela e do que foi possível observar, os benzimentos são procurados por pessoas mais ou menos idosas, por pessoas mais jovens, por adolescentes e até mesmo por crianças que levam seus irmãos mais novos. São procurados por quem mora na cidade, mas também por aqueles que moram no sítio. Eles são procurados por proprietários e por trabalhadores; por pessoas que têm um nível mais elevado de escolaridade e também

unesp

por quem não tem nenhuma escolaridade. Assim como o proprietário do posto de gasolina, o proprietário de diversos açougues e o empresário de outra cidade procuram pela benzedeira, o proprietário de fazendas de criação de gado ou de produção de café procuram pelo Seu Ico, os seus empregados também o fazem. Assim como a Sra. Diretora de um dos colégios que fez parte da pesquisa procurou a cura através dos benzimentos, algumas professoras também o fizeram e vários de seus alunos, conforme constatado nos questionários aplicados. Mães e avós levam filhos para serem benzidos, o pai também vai no momento que julga propício, assim como o avô. A cultura popular através dos benzimentos atravessa as classes sociais e serve a todos que nela querem se inserir.

6. Rituais de cura

> *"O ritual pode ser definido como um tipo de atividade padronizada que se orienta para o controle dos afazeres humanos, de caráter essencialmente simbólico e com um referente não empírico funcionando na qualidade de uma regra socialmente sancionada"* (FIRTH, 1974, p.243).

unesp

Quando o ritual envolve a religião, o referente não empírico é comumente um deus ou outro ser espiritual, ou ainda uma força sobre humana do tipo do mana. Além disso, o ritual pode ser exortativo, de súplica ou sacramental. No ritual exortativo, a associação de palavras com outras ações do complexo ritual é uma característica importante. Nele tentam adquirir o controle da situação através de um processo de advertência onde é utilizada a linguagem de comando. A palavra em si não é necessariamente mágica no efeito, mas é um elemento essencial de sua validade. No ritual de súplica, a linguagem utilizada é de súplica. Os espíritos são evocados para que se realizem os desejos do executante. Esse é o tipo de expressão usada com freqüência em rituais de propósitos propiciatórios, quando visam a conquista da benevolência dos espíritos e de propósitos expiatórios, a fim de reparar uma ofensa. O ritual sacramental tem como característica essencial a noção de alguma modificação nas pessoas executantes ou participantes do ritual, ou ainda para aquele que está sendo executado.

Sob os aspectos aqui delineados, pode-se perceber nos benzimentos elementos típicos dos rituais acima citados. Neles temos presente:

a) A linguagem de comando e advertência;

"Pedro, mate essa esipela".

"Como não adianta serviço de domingo e dia Santo, nem bicheira há de adiantar".

"Tem pés, não me alcance. Tem mãos, não agarres. Tem olhos, não vê. Se veja tão acorrentado de pés e mãos, como Nosso Senhor Jesus Cristo se viu na cruz".

"Que seja lavado nas águas do mar sagrado".

b) A linguagem de súplica:

"Como o sol pediu a Deus, Nosso Senhor, que a tarde queria abaixar; eu peço à Santíssima Trindade que seja abaixada no ventre de fulano lombriga assustada".

c) Modificação nas pessoas participantes, relatada por D. Lula:

"Ela perdeu a menina; não sei o que aconteceu no parto dela, ela não prestou; daí ela ficou paralítica. (...) Eu sentei lá, benzi ela. No outro dia, eu fui e benzi ela. No outro dia, eu fui e ela já estava andando. (...) Falei pra ela: Então agora a senhora faz assim. Deus atendeu a senhora; a senhora não esquece de rezar pra Jesus Crucificado. Reza toda noite... quanto mais a senhora puder rezar e mais fé a senhora tiver, melhor é para a senhora".

De certa forma, para ser curada, existe a exigência de uma nova postura da pessoa doente diante do mal. Nesse sentido, pode-se aproximar o ritual do benzimento ao ritual sacramental. A afirmação da saúde e do bem-estar implica a negação da doença, portanto da sua conversão de sujeito paciente em sujeito ativo.

Apesar destas observações sobre os diferentes tipos de rituais e dos elementos que neles estão incorporados, pode-se distinguir outros procedimentos que fazem dos benzimentos um ritual de cura um tanto singular.

unesp

Entre os benzedores de Vera Cruz, os procedimentos variam de um benzedor para o outro, porém, alguns são comuns aos três benzedores que participaram da pesquisa. De maneira geral, o ritual de cura através dos benzimentos se compõe de quatro momentos especiais:

1- Fala do paciente – o momento da apresentação da queixa e a solicitação para que se efetue o benzimento;

2- Fala do benzedor – o momento que ele procura saber mais detalhes sobre a doença ou mal que vai benzer. É nesse momento que ele faz a primeira exortação ao paciente para depositar a confiança no benzimento;

3- A realização da benção propriamente dita que se compõe de: a) oração, b) gestos, c) material simpático;

4- Fala do benzedor com ênfase na eficiência do benzimento e exortação a Deus ou Santos para que acompanhem o paciente.

Dentre estes procedimentos, pode-se observar que o terceiro momento é o núcleo do ritual e que ele sofre variação conforme o mal que é benzido: na oração, nos gestos, no material usado. Para melhor compreendê-lo, é preciso descrever essas variações:

a) Benzimento de lombriga efetuado por D. Lula.

Material usado: Um copo com água. Se tiver carvão, benze com brasa; se não, não usa nada.

unesp

Início: A benzedeira faz o sinal da cruz nela mesma, com a mão espalmada. Com o copo sobre a mesa, a benzedeira faz nele o sinal da cruz, usando o polegar da mão direita. O primeiro sinal no corpo do paciente vai da testa ao abdome com a mão em posição vertical; o segundo vai da extremidade do ombro direito à extremidade do ombro esquerdo, formando uma cruz.

A seguir, coloca as mãos postas para cima invocando intercessão divina, ora em voz baixa e vai até a criança com o copo de água na mão e molhando o polegar direito faz a cruz com gestos no corpo, cabeça e tórax, continuando a oração de forma inaudível: *"Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, eu benzo 'fulano' de lombriga assustada, aguada e desconfiada"*. Reza uma Ave Maria sobre a boca do copo fazendo cruz com gesto e se tiver brasa, joga a primeira brasa no copo, e fala a seguir: *"Como o sol pediu a Deus, Nosso Senhor, que a tarde queria abaixar, eu peço à Santíssima Trindade que seja abaixada no ventre de 'fulano' lombriga assustada"*. Faz novamente a cruz com gesto de mãos sobre o copo e reza a segunda Ave Maria e se tiver brasa, joga a segunda brasa e fala: *"Como a lua pediu a deus do céu que a noite queria brilhar e de manhã queria abaixar, eu peço que seja abaixada no ventre de 'fulano' lombriga desconfiada"*. Faz a terceira cruz com as mãos sobre o copo e reza a terceira Ave Maria e se tiver brasa, joga a terceira brasa e diz:*"Assim como as estrelas pediram a Deus que de noite queriam brilhar e de manhã queriam apagar, peço a Deus que seja apagada do ventre de 'fulano' lombriga assustada, aguada e desconfiada"*. Reza uma Ave Maria, um Glória ao Pai e joga um pouco de água para o lado que o sol se põe, deixando um pouco dentro do

copo para a criança beber. (Obs: O carvão das brasas deve também ser jogado em direção ao pôr do sol. Nos gestos que formam sobre o corpo do paciente a cruz, as mãos não estão espalmadas, mas no sentido vertical, assemelhando-se a um corte no ar em forma de cruz).

b) Benzimento de lombriga efetuado por D. Ana.

Após a conversa com o cliente, a dona Ana se retira para a cozinha. Na cozinha, ela pega um prato fundo e um cordão de barbante, podendo ser linha de retrós ou carretel, com mais ou menos trinta ou quarenta centímetros. Dobra a linha ou barbante pela metade; a seguir, dobra novamente e depois outra vez e corta. Os diversos fios resultantes são colocados no prato com água, enquanto ela fala*: "Corta lombriga aguada, assustada e desconfiada de 'fulano'"*. Depois ela volta para a sala onde está a criança e com a tesoura que cortou os fios, abrindo e fechando como se estivesse cortando algo, faz três cruzes para o lado direito e para o lado esquerdo na frente do tórax da criança simultaneamente.

c) Benzimento de quebranto efetuado por D. Ana.

Dona Ana faz o sinal da cruz em seu corpo, abrangendo a cabeça e o tórax. Repete a cruz com gestos sobre a cabeça da criança. A seguir, faz orações em voz baixa e com a mão direita realiza gestos em forma de cruz várias vezes enquanto reza, sobre a região do corpo da criança que vai da cabeça ao tórax.

unesp

d) Benzimento de Erisipela.

Material usado: Ramo e água.

Com um copo de água em uma mão e com três raminhos na outra, a benzedeira se aproxima do cliente, molha um dos raminhos na água e com ele faz gestos em cruz sobre o local da doença enquanto pronuncia: *"Quando Deus, Nosso Senhor, nessa casa chegou, no corpo de 'fulano' esipela encontrou. Ele disse a Pedro: 'Pedro, mate essa esipela'. Pedro perguntou:_ 'Com o quê que eu mato, Senhor?' Jesus respondeu: 'Mate com ramo do monte e água da fonte"*. Três vezes, fazendo cruz e espalhando a água, "pouquinho", sobre o local da doença. Depois, reza uma Ave Maria, uma Salve Rainha, oferece para a Santíssima Trindade e fala: *"Que essa esipela seja levada com essa água sagrada em louvor de São Pedro e Jesus Crucificado"*. Novamente molha os raminhos e com eles espalha a água sobre a região onde tem a doença, reza outra Salve Rainha e joga o resto da água fora.

e) No caso de distensão, mau-jeito, segundo D. Lula.

Material usado: Pano, linha e agulha.

Toma-se um pequeno pedaço de pano e agulha com linha. O benzedor aproxima-se do cliente e faz o sinal da cruz nele e no cliente e, enquanto inicia a costura no pano com a linha e agulha, diz as seguintes palavras: *"Em nome de Jesus Crucificado, no corpo de 'fulano' eu curo nervo torto, carne ofendida, osso quebrado"*. Repete essas palavras e gestos três vezes e faz "a cruz do benzimento". Reza três Ave Marias, oferece para São Lázaro e faz "a cruz do benzimento". (Obs:

unesp

Com o tempo, a D. Lula deixou de utilizar o pano, fazendo apenas os gestos de costura com a linha e a agulha).

f) No caso de distensão, efetuado por D. Ana.

Se aproximando do cliente, D. Ana com o paninho na mão dobrado e já com a linha e agulha, pergunta ao cliente: *"Que eu cozo?"* E continuando a costura ela responde junto com o cliente: *"Osso quebrado, carne rendida, nervo torto, sangue espalhado"*. Continua a costurar e diz: *"Assim mesmo eu cozo"*. Ela repete esses gestos e essa fala por três vezes. Na última vez, depois de falar "sangue espalhado", ela acrescenta *"junta desconjuntada"* e termina o benzimento.

g) Benzimento para afastar cobras.

O Seu Ico se dirige para a região onde constatou-se a presença de cobras; ele anda de um lado para outro e parece muito concentrado – percebe-se que está fazendo orações; não usa nenhum material. Depois de um certo tempo, ele se volta para o cliente e faz algumas recomendações:

1. Afirma que ali não aparecerão mais cobras ou aranhas, mas se acontecer, para não temer porque elas não serão capazes de fazer mal algum;

2. A partir daquele momento, o proprietário da região não deverá matar nenhuma cobra que aparecer por ali, dentro do prazo de três dias;

unesp

3. Após esse prazo, aquela que insistir em ficar no local ("as teimosas", como ele denomina) terão como conseqüência a morte – natural ou provocada pelo homem ou outro animal.

(Obs: O Seu Ico não forneceu as orações do benzimento para afastar cobra, apenas foi possível fazer a observação enquanto ele realizava o benzimento. Devido a alguns "mistérios" que envolvem os benzimentos de cobras, denotados em alguns momentos da fala do benzedor durante as entrevistas, a pesquisadora foi levada a colher mais dados sobre o benzedor e sobre os benzimentos junto de sua cunhada e obteve o seguinte esclarecimento: que o benzedor de cobras deve seguir algumas prescrições, tais como: jejuar toda sexta-feira e não praticar sexo nesse dia).

h) Benzimentos de Bicheira. (Colhido através de D. Ana)

Condição necessária: Olhar fixamente onde tem a bicheira.

Material usado: Palha de milho.

Oração: *"Como não adianta o serviço de Domingo e dia Santo, nem bicheira há de adiantar"*. Enquanto faz a oração, faz também um nó na palha de milho e joga para trás – três vezes, durante três dias.

i) Benzimento de Bicheira.

Oração: *"São Jacó tinha treze filhos. De treze ficaram doze, de doze ficaram onze, de onze ficaram dez, de dez ficaram nove, de nove ficaram oito, de oito ficaram sete, de sete ficaram seis, de seis ficaram cinco, de cinco ficaram*

unesp

quatro, de quatro ficaram três, de três ficaram dois, de dois ficaram um e de um ficou nenhum e assim ficarão esses malditos bichos".

A oração deve ser repetida por três dias, olhando fixamente o local afetado

j) Benzimento de cobreiro. (Colhido através de D. Ana)

Material usado:Tinta.

O cobreiro quando é benzido com tinta faz as cruzinhas enquanto fala as palavras *"Ave Maria, Santa Maria, Ave Maria, Santa Maria"*, em volta do cobreiro, três vezes, de fora para dentro e no final faz a cruz no centro e fala*: "Corta esse cobreiro, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, Nossa Senhora do Desterro".*

l) Benzimento de sapinho. (Colhido através de D. Lula)

Material usado: Algodãozinho, ramo, sal e água.

A benzedeira faz o sinal da cruz nela e na criança, molha o ramo na água e diz as seguintes palavras, enquanto faz o gesto de cruz com o ramo próximo à boca da criança: *"O que eu tiro da boca dessa criança?"* A mãe responde: *"Sapo, sapinho, sapero".* Continuando a fazer a cruz, a benzedeira diz: *"Assim mesmo, eu tiro. Que seja levado nas águas do mar sagrado".* Repete por três vezes. No segundo dia, após esse procedimento, ela pega um pedaço de algodão, põe um pouco de sal

nele, enrola no dedo e passa na boca da criança. Repetindo os mesmos gestos no terceiro dia.

7. Elementos Simbólicos

Nos rituais de cura através dos benzimentos, além do discurso do benzedor e do cliente, pode-se observar a presença das orações, dos gestos e materiais que em conjunto formam um sistema de linguagem onde o significado se revela pelo lugar e a função do símbolo no sistema. Neste sentido, tem-se a água que purifica, limpa, remove; a cruz que corta – conforme afirma D.Ana ao explicar o benzimento do cobreiro, quando no final e no centro faz a cruz, ela afirma: "Ali é como cortar" e quando D. Lula faz o gesto de cruz com as mãos, não o faz com a mão espalmada como que enviando bênçãos, mas com a mão na vertical, como quem corta o ar com gestos em cruz. O número três está intimamente associado ao dinamismo, ao movimento e ao mesmo tempo à eficácia. A linha que costura o tecido simbolicamente também une e cura o que saiu fora do lugar – o nervo que está "torto", o osso que está "quebrado", o sangue que está "espalhado", a carne dilacerada. O que tira e é jogado "nas águas do mar sagrado" e salgado é dissolvido e ao mesmo tempo purificado.

No benzimento de lombriga, tem-se como elemento simbólico determinante a relação do ego ao mundo, onde para apreender o que está dentro de si

unesp

deve identificar com aquilo que está fora de si, definindo assim as características de identidade e de alteridade (AUGRAS, 1967, p.113).

As orações católicas através do processo de intercessão invocam os santos adequados à cura, por representarem o triunfo final sobre o mal de que também foram vítimas, tal como São Lázaro para as feridas da pele, etc.

Outra característica dos benzimentos é a presença do mito que envolve o princípio da intercessão como na história de Jesus e São Pedro: *"Jesus disse a Pedro: 'Pedro, mate esse cobreiro'. E Pedro respondeu: 'Com que eu mato, Senhor?' 'Mate com ramo do monte e água da fonte"*.

Os benzimentos permanecem dentro da lógica do "pensamento selvagem" (LÉVI-STRAUSS, 1976, 331p.), o mesmo que opera na poesia e na arte. Neles não há nada de confuso nem de desordenado. Através deles, os benzedores agem baseados na leitura que fazem de seu mundo, que analisam, distinguem, combinam, adicionam e subtraem elementos. Transpõem as propriedades do real para uma outra lógica que permite aos homens domínio e controle sobre esse mesmo real.

unesp

CAPÍTULO II

A VISÃO DE MUNDO DAS BENZEDEIRAS

Os benzimentos estão simbólica e formalmente unidos à religião ou mais precisamente ao catolicismo rústico. Sob esse aspecto é necessário vinculá-los à visão de mundo própria desse universo, que é o dos benzedores e do "ethos" próprio desse povo. Segundo GEERTZ (1978, p.143-144):

> *"Na discussão antropológica recente, aspectos morais (e estéticos) de uma dada cultura, os elementos valorativos, foram resumidos sob o termo 'ethos', enquanto os aspectos cognitivos, existenciais foram designados pelo termo 'visão de mundo'. O ethos de um povo é o tom, o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo moral e estético e sua disposição; é a atitude subjacente em relação a ele mesmo e ao seu mundo que a vida reflete. A visão de mundo que esse povo tem é o quadro que elabora das coisas como elas são na simples realidade, seu conceito da natureza, de si mesmo, da sociedade. Esse quadro contém suas idéias mais abrangentes sobre a ordem. A crença religiosa e o ritual confrontam e confirmam-se mutuamente; o ethos torna-se intelectualmente*

razoável porque é levado a representar um tipo de vida implícito no estado de coisas real que a visão de mundo descreve, e a visão de mundo torna-se emocionalmente aceitável por se apresentar como imagem de um verdadeiro estado de coisas da qual esse tipo de vida é expressão autêntica. Essa demonstração de uma relação significativa entre os valores que o povo conserva e a ordem geral de existência dentro da qual ele se encontra é um elemento essencial em todas as religiões, como quer que esses valores ou essa ordem sejam concebidas. O que quer que a religião possa ser além disso, ela é, em parte, uma tentativa (de uma espécie implícita e diretamente sentida, em vez de explícita e conscientemente pensada) de conservar a provisão de significados gerais em termos dos quais cada indivíduo interpreta sua experiência e organiza sua conduta".

Os benzedores de Vera Cruz são procedentes das zonas rurais, originalmente estão ligados ao catolicismo rústico, o que implica crenças e reflete as condições de vida a que eram submetidos – as carências, as penúrias, mas ao mesmo tempo, as alegrias e a felicidade de um modo de vida que se perdeu no tempo.

Ao ouvir a fala de uma das benzedeiras, D. Ana, sobre o modo de vida que levava quando moradora nos sítios, colônias de fazenda etc, pode-se sentir o pulsar da vida que corre entre as relações que se desenvolvem nesse meio. O "coração" cheio de alegria, que é feita da solidariedade, da despreocupação dos poucos momentos de lazer que uma vida de intenso labor pode propiciar. É como se

unesp

um humor denso transpassasse essas relações e unisse os corações e as vidas dessa gente, desse povo que, sem grandes preocupações com o futuro, viviam intensamente os momentos de lazer repletos de alegria. Alegria que podia ser tirada pela doença ou outras adversidades da vida. Nesses momentos cruciais, eram os benzedores, as rezas, o saber popular que intervinham em socorro, para curar, para acalmar, para acomodar o que doía, o que pulsava, o que não tinha jeito. *"Os benzimentos salvavam até da morte".(...)"Os benzedores davam remédios prontos para aqueles que não sabiam fazer".(...)"Remédio caseiro curava, não ocupava médico"*, afirma D. Lula

O mito presente na oração tornava válido o poder da intercessão: *"Quando Deus, Nosso Senhor Jesus Cristo nessa casa chegou, no corpo de fulano cobreiro encontrou e ele disse a Pedro: ' Pedro, mate esse cobreiro!' Pedro perguntou: ' Com o quê que eu mato, Senhor?' 'Mate com ramo do monte e água da fonte".*Esse poder atuava através da súplica aos santos - São Bento e São Clemente para proteção e benzimento contra picadas de animais peçonhentos; São Lázaro para as feridas e doenças de pele; Santa Catarina para proteção pessoal – permeava e cimentava as relações de dominação pessoal no campo.

A pobreza e o sofrimento eram exaltados como se verifica na seguinte oração: *"Jesus, eu nada tenho, só graça vos posso dar"*. E no depoimento de D. Lula*: "Desde que eu conheço a senhora é sofrendo". "Por que um sofredor não tem uma graça a fazer?"* Nessa visão de mundo o sofrimento permite angariar as forças do céu e dos santos. Dia de domingo é descanso – não é permitido trabalhar nem ensinar os benzimentos porque perde a graça. É o dia de alegria, de esquecer a

labuta diária. Em contraste, o dia de Sexta-Feira Santa é o dia santo maior – dia de sofrimento, dia da morte de Jesus, é o dia mais forte; *"é bom para quem aprende e quem ensina não perde a graça"*, afirma D. Ana. O bem é o propósito maior da vida. A fé, a esperança, o amor são grandes valores morais e fios condutores da vida, é o que *"faz viver"*. Conforme afirma uma das benzedeiras, a devoção é outro valor de extrema importância: *"Fiquei muito doente, sarei só com devoção"*.

Para os benzedores existem dois mundos: o primeiro, onde a realidade cotidiana se inscreve, e o segundo, o mundo sobrenatural, que sobrepõe as forças do bem e do mal. É representado por Deus, pelo Pai, pelo Filho Jesus Cristo e o Espírito Santo (Santíssima Trindade) que ordena o caos com a ajuda dos santos, dos anjos e espíritos. Tal situação é simbolicamente retratada através do relato de Ana sobre o sofrimento derivado de um "encosto" que com ela esteve em determinado período de sua vida. Resumidamente, eis o relato de Ana:

"Eu, uma ocasião, eu fiquei muito ruim, que eu já tive um encosto. (...) Eu era assim, esse encosto que veio, como se diz, ele não era uma pessoa má, era uma pessoa muito boa, e ele sentia aliviado. Eu cheguei a perceber na hora que ele encostou. Faz muito tempo. Foi naquela ocasião que tinha um padre fazendo milagre (...) la gente de tudo quanto lugar(...) Era nosso vizinho,ele tava muito ruim, tava desenganado dessa doença. Ele queria que nós fosse e levasse ele. (...) Daí uns dias que ele morreu. Nós fomos; meu marido falou: 'Vamos pedir a capa que era do Seu Luiz (vizinho já falecido) *que era boa prá agasalho'.*

...o ônibus tava lá quebrado. E justo deu certo que chegamos lá muito tarde. Chegou lá já tarde no outro dia. É duro que nem água pra beber não se achava, de tanto povo. ...E quando nós vinha embora (...) eu peguei a capa desse senhor, dobrei a capa, pus assim no vidro do ônibus e encostei; porque estava cansada. A noite inteira sem dormir,e fechei os olhos. Encontrei que ele vinha vindo com a capa nos braços e disse pra mim: 'Aonde vocês vão?' Ele foi. Espiritualmente ele acompanhou nós. Acordei assim, espantada, abri os olhos, falei: Meu Deus! O Luiz! Mas como? A capa dele está embaixo da minha cabeça e ele está com a capa no braço e me perguntou... Naquela hora ele ficou comigo.

...deu muito trabalho.(...) Não tinha motivos de eu querer morrer, mas eu queria morrer. Tudo isso, queria morrer, queria morrer, queria morrer. (...) Emagrecendo, não dormia, me dava aquele tremor, aquela batedeira".

Ao analisar o fenômeno do encosto a partir da visão de mundo que está implícita no imaginário dos benzedores e, principalmente na visão da benzedeira citada – conforme foi descrita acima – pode-se perceber algumas situações que fizeram a sua estrutura emocional desequilibrar-se. A explicação para esse desequilíbrio vai concretizar-se através da crença no encosto, como entidade perdida entre os dois mundos: o mundo dos vivos e o mundo dos mortos, das almas, do sobrenatural. A partir dessa visão temos:

1. Ana crê que existe o mundo dos vivos, onde ela está, o mundo concreto, do cotidiano, das ações e o mundo dos espíritos, dos desencarnados, da não matéria;

unesp

2. O pensamento predominante nessa visão de mundo é o pensamento mágico, onde está implícito o conceito de mana *que "resume praticamente o conceito animista, pois ressalta seu aspecto unificador"* (AUGRAS, 1967,) que detém um poder oculto e é dotado de uma energia. Tem-se que a capa é o símbolo da morte, do encosto; é concreto e detém o seu mana;

3. Lembrando que o símbolo implica uma relação entre o conceito e o abstrato, entre o visível e o invisível (AUGRAS, 1967), a capa estabelece a relação entre os dois mundos;

4. O sistema animista supõe uma identidade entre o símbolo e a entidade que o representa. Considerando que no mundo real-concreto, Ana está com a capa sob a cabeça, e no mundo sobrenatural, o morto (para Ana) está com a capa nos braços, nesse momento existe uma identidade entre os dois mundos. A confusão estabelece-se. O pensamento de Ana desestrutura-se e ela não sabe se pertence ao mundo dos vivos ou dos mortos, do concreto ou do abstrato. O homem pode suportar tudo, menos o caos. Ana necessita de um sistema de referência no qual possa reorganizar o seu pensamento.

Em seu depoimento, ela diz:

"Eu era assim, esse encosto que veio, como se diz, ele não era uma pessoa má, era uma pessoa muito boa e ele se sentia aliviado. Mas é nessas pessoas (boas*) que encosta mais fácil, pois eles sentem alívio".*

Se elaborar a análise em termos de projeção, tem-se que:

unesp

a) Ana encosta-se na capa (símbolo do morto e portadora do seu mana);

b) O morto encosta-se em Ana;

c) Ela concebe-se como uma pessoa boa;

d) O encosto não é uma pessoa má, é uma pessoa muito boa;

e) Ao encostar-se na capa, ela alivia o seu cansaço;

f) O encosto sente-se aliviado ao encostar-se em Ana.

O processo de cura dá-se através da médium que confirma o encosto, porque ela devolve a Ana o referencial que necessita através do sistema mágico-religioso que inclui a entidade "encosto". Além disso, é a médium que estabelece a relação entre os dois mundos por representar, com a sua mediunidade, a ligação entre eles. Com a chave que abre/fecha e põe em contato o mundo dos homens e o mundo dos espíritos, a médium reconduz o encosto/Ana aos mundos que pertencem conforme fica demonstrado na fala: *"O que está com você é que não é daqui. E falava pra me deixar em paz que ele não era mais daqui (...) a gente tem que afastar ele* (encosto)*, ele tem que pegar o lugar dele. Ele não subiu, ele ficou aqui"*.

É interessante observar como Ana não suporta a desordem. Quando percebe-se como portadora da capa – que não é sua, mas pertence a uma entidade do outro mundo - oscilando entre as duas condições – de pertencer ao mundo dos homens ou ao mundo dos espíritos - ela prefere a morte à ambigüidade da sua existência. Devido a isso, ela afirma diversas vezes durante o seu sofrimento que queria morrer, que se alegrava ao imaginar-se morta:

unesp

"Sábado eu ia morrer. (...) Acha que quem vai morrer, que está bom, vai ficar contente? Mas toda contente!"

Ana limpa a casa para morrer e chora quando percebe que não morreu:

"O dia já tá terminando e eu nada de morrer, tem que ser hoje. É hoje que tá marcado. (a voz tinha marcado*) Eu peguei, fechei a casa, abri a porta do quarto, ajoelhei e chorei, chorei. Falei: Deus, é hoje. Não pode passar de hoje. É hoje que eu tenho que morrer. Tem que ser hoje. Chorei, tudo que chorei, tudo que pedi; não morri coisa nenhuma".*

A médium apresenta-se como detentora do poder de separar os dois mundos. Como Ana, que é viva, não pode ir para o sobrenatural, é o sobrenatural que deve separar-se de Ana. Consciente desse papel, a médium afirma:

"Quem tá com você é que não é daqui". (...) "Ela falava pra me deixar em paz, que ele não era mais daqui. Que eu tava sofrendo muito e que ele quisesse bem, não queresse bem, mas me deixasse. Me deixasse em paz, que eu tinha que viver, tinha que trabalhar".

Dessa forma, Ana é remetida ao mundo dos vivos, do cotidiano. É a partir desse desenlace que a cura se efetiva.

unesp

1. As forças do bem e do mal

Portanto, o que acontece nos dois mundos é determinado pela dinâmica das lutas das forças do bem e do mal, que penetram a visão de mundo dualista dos benzedores. Dentro desta concepção, existem pessoas que têm poderes para materializar as forças do bem e do mal. Os benzedores representam as forças do bem; dom que receberam de graça e, portanto, de graça deve ser distribuído. De certa forma existe uma identidade entre os benzedores e os santos do catolicismo rústico, na medida em que seus valores morais são os mesmos, pois os benzedores valorizam o sofrimento, a paciência, a resignação, a humildade, a caridade, o desprendimento material. O poder dos benzedores, voltado para o bem, é um poder consciente. Ainda dentro dessa visão dualista, tem-se o poder do mal; este é inconsciente. Provoca não só a doença, mas também outros tipos de infortúnios. Poder que as pessoas não querem ter por ser inconsciente e incontrolável. É exercido além da vontade daquele que o detém, conforme os depoimentos de D. Ana:

"Tem pessoa que não quer ser invejosa, que não quer ter olho ruim e ela tem, né? É por natureza (...) tem pessoa que põe quebrante, mas não é porque ela quer" "... tem gente que tem por natureza (...) Ele não ia fazer mal para a casa dele. Era os olhos dele. Tem gente que não pode passar a mão na planta, seca na hora".

Os olhos, as mãos são partes do corpo que concentram essas forças em outras formas de olhar, ver, tocar, sentir. Entretanto, guarda-se o cuidado de não

deixar a pessoa ressentida por causar dano de forma inconsciente. Em todo caso, o mal deve ser combatido. Para isso utiliza-se das próprias plantas – arruda, guiné, espada de São Jorge – e também as orações: a oração de Santa Rita dos (casos) Impossíveis é forte, a de Santa Catarina também. Através delas, as forças do mal se curvam diante do poder dos santos e se afastam para permitir que o equilíbrio volte a reinar. Nesse sentido, a benzedeira, tal como a médium citada acima, lida com a desordem, dando ao mal uma dimensão espiritual, permitindo ao indivíduo obter sentido para um fenômeno de outra forma inexplicável.

> *"A doença, enquanto expressão de negatividade absoluta se torna paradigma do conflito (social, moral, psicológico), do caos. Enquanto metáfora ela passa a significar a desordem por excelência, que se manifesta no corpo físico, mas também no corpo social e no corpo astral"* (MONTERO, 1985, p.124).

2. O poder da intercessão e os santos católicos

Se o ethos de um povo reflete a atitude subjacente em relação a ele mesmo e ao seu mundo, é preciso buscar na visão de mundo da benzedeira o papel

dos santos católicos e a representação do poder da intercessão. O costume presente nos benzimentos de pedir pela intercessão ou mediação dos santos ou da própria benzedeira para conseguir-se determinada graça ou favor, é algo que está enraizado culturalmente no cotidiano popular e reflete não somente as raízes do catolicismo rústico, mas também a ideologia arcaica do sistema agrário brasileiro, onde as relações efetivavam-se através da dominação pessoal.

Em seu ensaio sobre "Religião e Dominação de Classe: O caso da Romanização" OLIVEIRA (1980, p.167-187) discute as condições de existência do que ele chama de massa camponesa. Constituída de homens livres, não submetidos ao trabalho forçado, desvinculados dos processos essenciais de produção, e ligados à produção de subsistência, representada pela pequena lavoura em áreas agrícolas próprias do senhor escravagista. Viviam praticamente à margem do sistema econômico e nos finais do século XIX constituíam a grande maioria da população brasileira. A essa população, o senhor cedia gratuitamente, lotes de terras para cultivar e oferecia certa proteção econômica e política nos momentos de maior necessidade. Em troca, recebia prestações de serviços, tais como a recuperação de escravos que haviam fugido, serviço de guarda da propriedade e homens para formarem sua milícia privada etc. A proteção oferecida pelo senhor escravagista ao homem pobre e livre que, devido a sua experiência de vida era levado a crer que não poderia sobreviver sem ela, era retribuída pela lealdade do protegido ao protetor. O compadrio, costume próprio dos meios rurais e do catolicismo rústico, fortalece essa relação e cria laços de tipo familiais entre o senhor e seus dependentes.

unesp

"Assim, as obrigações entre eles – ajuda mútua, lealdade, proteção etc – são revestidas de valor moral. Na medida em que um casal oferece seus filhos como afilhados a outras pessoas, ele vai formando uma rede de laços de cooperação e lealdade similares aos laços que unem uma família extensa" (OLIVEIRA, 1980, p.177).

Estruturada dessa forma, a relação de proteção e intercessão é a chave da dominação pessoal. Ao ser representada pela religião, passa a ter a forma da relação entre fracos e poderosos inscrita na ordem cósmica.

No núcleo do catolicismo popular estabelecem-se as relações entre os devotos e santos protetores, que pertencem ao campo religioso, enquanto no campo do social as mesmas relações são reproduzidas. Como o camponês fraco se coloca sob a dependência do senhor poderoso, todo homem, naturalmente fraco diante do mundo deve colocar-se sob a proteção de um santo poderoso no céu, que o protege e o guia neste mundo. A relação entre fracos e poderosos é sobrenaturalizada, existindo tanto na terra como no céu, obedecendo a ordem cósmica criada por Deus, que não pode nem deve ser mudada pelo homem.

3. O pensamento mágico nos benzimentos

Pode-se dizer que na visão de mundo das benzedeiras, o pensamento mágico tem um papel preponderante.

unesp

Segundo FRAZER (1956, p.33-63), o pensamento mágico atua a partir de dois princípios: a) pela lei dos semelhantes e b) pela lei do contágio. No primeiro princípio, o semelhante produz o semelhante e os efeitos se assemelham às causas; no segundo, as coisas que uma vez estiveram em contato atuam-se reciprocamente à distância. No princípio regido pela lei dos semelhantes, o mágico deduz que pode produzir o efeito que deseja ao imitá-lo. No segundo, regido pela lei do contato, o objeto material que esteve em contato com o próprio corpo e dele faz parte, afetará de igual modo como é afetado o corpo daquele que já esteve em contato.

A magia imitativa, também chamada de homeopática, está fundada na associação de idéias por semelhança e a magia de contato (ou contágio) está fundada na idéia de contigüidade. A primeira supõe que as coisas que se parecem podem ser a mesma coisa (similitude) e a segunda, que as coisas que estiverem em contato continuam estando.

No caso já citado sobre a benzedeira Ana, a capa continuava em contato com o morto. Outro exemplo da utilização do pensamento mágico e da magia de contato, é quando a benzedeira benze a roupa das pessoas, conforme observação referente a senhora que traz a blusa da vizinha para benzer e do depoimento oral onde a benzedeira narra o fato: *" Tem gente de Marília que vem aqui; eles vêm com sacola de roupa. Eu benzo peça por peça."*

Quando os benzedores benzem bicheira, cobreiro, lombriga etc, eles estão agindo com a magia imitativa e o pensamento que ela implica; a magia da

unesp

similitude que atua por analogia conforme é demonstrado quando D. Ana corta o barbante no benzimento de lombriga. Por analogia, é a lombriga que está sendo cortada; para conferir a eficácia, ela faz gestos de cortar três vezes com a tesoura junto ao corpo do paciente.

No benzimento do cobreiro com tinta, a representação gráfica é analógica.

Representando: **A** = zona afetada pelo cobreiro;

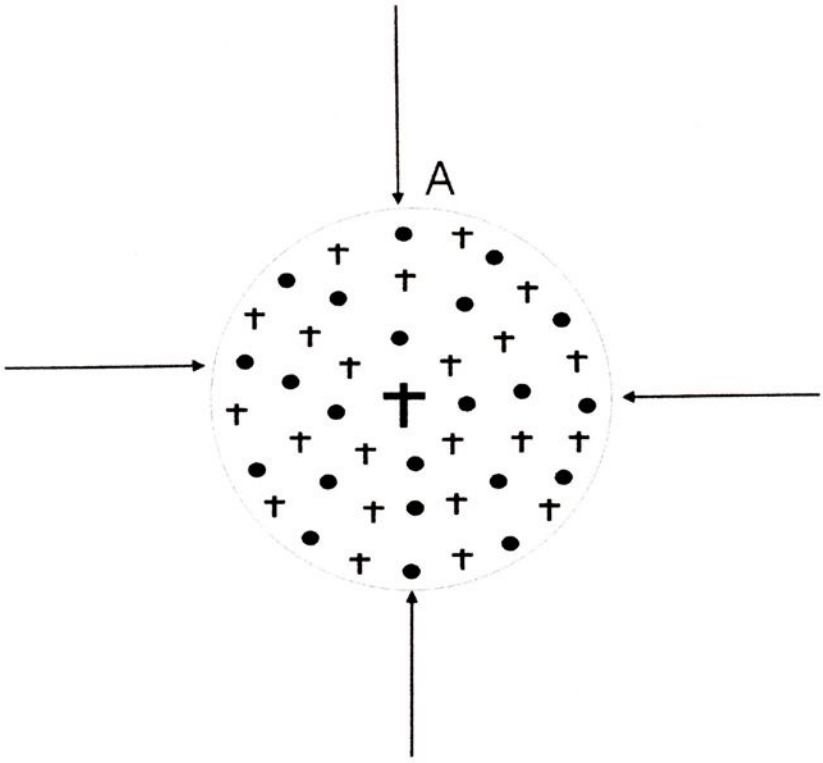
⟶ = atuação de fora para dentro

● = Ave Maria

✝ = Santa Maria

✝ = Cruz do benzimento

A zona afetada pela doença tem sua área circunscrita diminuindo até o centro (âmago da doença) onde é cortada com a cruz.



Benzimento de bicheira por mágica de similitude.

Representação gráfica:

Filhos de Jacó = 13	IIIIIIIIIIIII
De treze ficaram doze	IIIIIIIIIII
De doze ficaram onze	IIIIIIIIII
De onze ficaram dez	IIIIIIIII
De dez ficaram nove	IIIIIIII
De nove ficaram oito	IIIIIII
De oito ficaram sete	IIIIII
De sete ficaram seis	IIIII
De seis ficaram cinco	IIII
De cinco ficaram quatro	III
De quatro ficaram três	II
De três ficaram dois	I
De dois ficou um	
De um ficou nenhum.	

No benzimento da lombriga efetuado por D. Lula, é a lei da similitude que está presente. O sol, a lua, as estrelas abaixam no céu (ordem cósmica); as lombrigas aguada, desconfiada e assustada abaixam no ventre da criança. O sol, a lua, as estrelas pediram a Deus. A benzedeira pede a Deus. O que

unesp

acontece em cima pela ordem cósmica, acontece embaixo pelas leis da magia, como na Tábula Smaragdina. *"É verdade, sem mentira, certo e mui verdadeiro. O que está embaixo é como o que está em cima; e o que está em cima é como o que está embaixo para realizar os milagres de uma coisa única"* (AUGRAS, 1967, p.89).

Isso indica a presença do pensamento mágico envolvido na alquimia de origem européia, mas que permanece no imaginário popular brasileiro. A alquimia é baseada na teoria que tudo no mundo obedece às mesmas leis e todos os objetos da natureza contém a energia vital. Outro indício da presença dessa mentalidade é a representação dos astros como símbolos masculino e feminino. O sol (masculino) pede a Deus que a tarde quer baixar; a lua (feminino) pede a Deus que a noite quer brilhar e de manhã quer abaixar – assim como as estrelas. A presença dos contrários representam o equilíbrio como princípio do universo.

4. Os benzimentos e sua eficácia simbólica

Ao analisar os depoimentos dos benzedores de Vera Cruz, foi possível concluir que o dom, a capacidade curativa está associada à experiência. Trata-se de algo cumulativo reforçado pelo empírico. Quando as benzedeiras iniciam-se no ofício da benzeção, elas não estão seguras se a cura vai (ou não) acontecer. No plano individual existe a fé e a crença na eficácia dos benzimentos, porém, isso não é suficiente para garantir o sucesso do benzedor. Pode-se afirmar que, nesse sentido, no

unesp

desenrolar de suas atividades como benzedores e na medida que as curas se confirmam, diante deles e da própria sociedade, o que vai acontecer está muito próximo do que acontece com o feiticeiro ou xamã, narrado por LÉVI-STRAUSS (1976, p.194) apesar das diferenças guardadas entre eles e que os distingue como feiticeiros, xamã ou benzedores. No caso narrado, citado acima, o feiticeiro evoca as forças mágicas para prejudicar alguém do grupo, enquanto a benzedeira procura ajudar alguém do grupo, mas a eficácia da magia da benzedeira procede de forma semelhante à eficácia da magia do feiticeiro, pois implica:

1. Na crença da magia (os benzedores acreditam nos benzimentos, conforme foi possível observar);

2. No plano individual tem-se a crença dos benzedores na eficácia de suas técnicas;

3. O doente acredita na eficácia da benzedura;

4. O grupo reconhece nos benzedores poderes excepcionais.

Sob o aspecto coletivo, novamente, a atuação dos benzedores está muito próxima do que é descrito sobre o xamã no texto já referido. É necessário que eles tenham o "consensus social" que é construído na relação indivíduo (benzedor) e certas exigências de determinadas sociedades ou grupo social, conforme foi visto no capítulo anterior. Comparando a situação do xamã e do benzedor, pode-se dizer do benzedor o que LÉVI-STRAUSS disse do xamã: *"Quesalid não se tornou um grande feiticeiro porque curava os seus doentes, ele curava os seus doentes porque tinha se tornado um grande feiticeiro"* (p. 208).

unesp

5. A representação da mulher

Na ordem da visão de mundo dos benzedores, a mulher encontra-se relegada aos afazeres domésticos. Esta representação da mulher tem a ver com o lugar que ela ocupa dentro do lar, conforme demonstra o seguinte depoimento do Seu Ico.

"...o benzimento de cobra pra mulher não serve. É um benzimento que a obrigação é muito grande. Ela (mulher) *não tem tempo disponível (...) Vai tomar muito tempo. Por exemplo: Vieram me chamar para ir em Pompéia. Mulher vai? Não vai! Vai largar tudo pra ir lá? Não vai.(...) Mulher não pode, não tem condições; é uma obrigação que não dá. O homem pode sair.(...) Trabalhar mais tarde mulher não pode, perece casa, perece tudo".*

Dona Lula dá a seguinte declaração quando fala sobre o seu desejo de aprender a benzer picada de cobra. Quando ela pede ao tio para ensiná-la, ele responde que *"mulher não pode aprender porque mulher é parte fraca... para benzer cobra não pode guardar raiva, não pode xingar nomes feios, não pode rogar pragas"*. Todas essas práticas são entendidas como próprias das mulheres e levam a perda da graça. A mulher como parte fraca, incapaz de dominar-se emocionalmente deve ser subjugada pela parte forte: o homem. Não é de se estranhar que a mulher carregue o estigma de briguenta, impaciente, vingativa numa sociedade em que vive subjugada. Na realidade, essa condição da mulher demonstra o reflexo de uma concepção de sociedade patriarcal e da divisão do trabalho por sexo, fundamentada

unesp

no catolicismo rústico, que por sua vez traz em seu bojo a mentalidade judaico-cristã penetrada pelo patriarcalismo descrito na Bíblia Sagrada e confirmado pelos colonizadores europeus.

Se as crenças mágico-religiosas presentes nos benzimentos não têm um arcabouço teórico e conceitual de uma religião propriamente dita, elas expressam a natureza de uma dada realidade que fundamenta a especificidade das ações humanas dentro de um sistema coerente de significados. A noção de sistema (FIRTH,1974, p.247) implica uma série interligada de elementos; nesse sentido, os elementos aqui apresentados adquirem significância e coerência enquanto membros desse sistema de práticas e crenças.

unesp

CAPÍTULO III

AS ESCOLAS

Nos capítulos anteriores, procurou-se analisar as práticas e crenças que envolvem os benzimentos enquanto um sistema dentro da cultura popular.

Trabalhando com depoimentos orais dos benzedores e clientes e, lidando com dados do imaginário popular através das representações fornecidas, que são dados de natureza simbólica que requerem interpretações em diferentes planos, foi possível observar que enquanto sistema, expressa a natureza de uma dada realidade social, que fundamenta ações humanas, as quais adquirem coerência e significância quando nele inseridas.

Como o objetivo geral, proposto pela pesquisa, foi o de avaliar este sistema e, a partir disso, analisar a dinâmica das relações entre a cultura popular e a cultura dominante no contexto escolar, além de procurar verificar que fatores da cultura dominante através do ensino público interferem na transmissão da cultura popular, e por fim, analisar o resultado do confronto entre as duas culturas neste mesmo contexto, procede-se aqui a análise proposta.

Pressupondo a escola como uma construção social dinâmica, que se realiza de forma diversa e diferenciada conforme a região, podendo influenciar e ser

unesp

influenciada, procurou-se verificar no seu cotidiano como a diversidade cultural torna esse espaço privilegiado para a emergência das contradições que estão implícitas nas relações sociais e culturais que ali se desenvolvem. A inserção de saberes específicos que interagem na construção do aprendizado e na formação do educando em determinada região, exige da escola e daqueles que a compõem, uma postura democrática, o que irá permitir a interação com o modo de vida de seus educandos. A diferença existente entre a cultura de origem de determinados grupos sociais e a cultura oficial ministrada nas escolas faz parte da diversidade que marca a vida social e cultural brasileira.

É um dos temas de estudo para o ensino fundamental proposto pelos Parâmetros Curriculares Nacionais. Conforme esses parâmetros, a diversidade cultural presente nas escolas tem sido silenciada, ignorada ou minimizada e é comum a expectativa de baixo desempenho em relação ao aluno proveniente das camadas economicamente menos favorecidas e/ou grupos étnicos socialmente discriminados. (MEC/SEF, 1997, v. 2)

Ao lado da cultura erudita transmitida pela escola e sancionada pelo Estado, existe, portanto, a cultura popular que, apropriada ou criada pelo povo, articula diferentes formas de ver e pensar a vida e o mundo, que se contrapõem aos esquemas oficiais das escolas. Enquanto a cultura oficial opera com conceitos e atua a partir de um sistema teórico elaborado, que se define pela totalidade do pensamento, do saber abrangente, homogêneo, racional e científico, a cultura popular opera através da lógica totêmica (LÉVI-STRAUSS,1976) e do senso comum (GRAMSCI, 1979)

unesp

que procedem através do signo e como tal permanecem presos à concretude da realidade sensível. São, portanto, saberes diferentes que se encontram dentro de um contexto específico que é o contexto escolar, que privilegia a cultura erudita. Daí a justificativa da pesquisa, pela necessidade de observar, analisar, interpretar e pensar criticamente as condições a que são submetidos os educandos das escolas públicas da região, pelo fato de neste local a tradição apontar para uma forte tendência na qual prevalece o senso comum e o pensamento mítico. O que permite associar estes fatores às dificuldades escolares no processo educacional. Partindo desses pressupostos e utilizando-se de etnografia no contexto escolar, foi possível trazer para o universo da pesquisa alguns conflitos e antagonismos que permeiam as relações e definem os poderes entre alunos, alunos e professores, professores e diretores, além de poder verificar como estes se estabelecem e as representações elaboradas a partir da cultura popular no contexto escolar. Ao penetrar neste contexto depara-se, conforme será demonstrado, com evidências que conduzem à reflexão sobre o papel que a Educação hoje representa para as camadas populares e como essa escola age e interage com a cultura popular, a partir de um corpo social que abarca ideologias, poderes e propósitos que se destinam às camadas sociais que não participaram da sua produção. O Estado não só declara a obrigatoriedade do ensino como também determina o que é ensinado.

A educação das camadas populares parte antes de tudo dos aparelhos do Estado, aos quais essas camadas não têm acesso ou outras formas de participação. Partindo da Secretaria de Estado da Educação, passando pela

unesp

Coordenadoria de Ensino do Interior, até chegar às Diretorias Regionais de Ensino – não há inclusão de propostas democratizantes com participação popular. Só ao chegar às UEs (unidades escolares) é que será possível alguma participação através das APMs (Associação de Pais e Mestres) e do "Conselho de Escola"; mesmo assim, em termos restritos. Portanto, a educação aqui referida não pode ser outra senão aquela atravessada por traços da ideologia dominante e do autoritarismo tão comuns nas escolas públicas aqui pesquisadas.

A Lei nº 9.394, de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, abriu uma nova perspectiva para o ensino, e através dele fundamentar o desenvolvimento da nação, com o objetivo de oferecer às crianças, jovens e adultos uma educação de melhor qualidade.

No artigo 1º da referida lei tem-se:

> *"A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.*
>
> *§ 1º Esta Lei disciplina a educação escolar que se desenvolve, predominantemente, por meio do ensino em instituições próprias.*

unesp

§ 2º A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social".

No projeto de pesquisa aqui apresentado foi citado dois saberes predominantes em esferas de culturas que diferem entre si por modos de apreensão diversos, ou seja, a cultura popular, aquela que se adquire de forma espontânea, assistemática, na vivência cotidiana que envolve o saber que parte do senso comum, cuja categoria passa pelo que LÉVI-STRAUSS (1976) chamou de pensamento selvagem, e a cultura erudita, oficial nas escolas, que envolve, conforme já foi dito anteriormente, o saber elaborado metódica e cientificamente de forma sistematizada. Portanto, tem-se: de um lado, a cultura popular que abrange formas de pensamento mítico que passa pela lógica totêmica e que envolve a formação educacional cotidiana, assistemática e de outro lado, a cultura erudita orientada pelo pensamento racional e pela lógica científica, disciplinada pela educação escolar efetuada por meio do ensino em instituição própria, e no caso aqui estudado, pública. Resumindo, são esferas de cultura que se distinguem por:

a) Formas lógicas de pensamento;

b) Formas de saberes;

c) Formas de ensino/aprendizagem;

d) Contexto social específico.

unesp

A pesquisa buscou apreender como essas culturas interagem no contexto específico das escolas aqui estudadas que representam genericamente as escolas públicas da região

A partir dessas especificações, é possível avançar no sentido das observações e registros que se seguem.

1. As questões emergentes no cotidiano escolar que se referem à cultura oficial

A compreensão da escola inicia-se a partir do seu contexto, mas também do seu desenvolvimento histórico, que por sua vez está inserido no desenvolvimento da sociedade na qual está presente e na região na qual está situada para, enfim, articular os traços e as determinações nela envolvidos.

Ao situar historicamente as escolas aqui pesquisadas, o primeiro dado que se observa registrado no diário de campo são as mudanças nas denominações das mesmas. As escolas, a princípio, foram denominadas como 1º e 2º Grupo Escolar, posteriormente GESC "Castro Alves", GESC "Dr. Clemente Ferreira" e GESC "Profª Dirce Belluzzo de Campos". Após a reforma no ensino a partir da Lei 5.692/71, passaram a ser designadas como EEPG "Castro Alves", EEPG "Dr. Clemente Ferreira" e EEPSG "Profª. Dirce Belluzzo de Campos". Recentemente com a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, 9.394/96, depois de elaborado um novo regimento para as escolas, estas passaram a ser designadas como

unesp

EE "Castro Alves", EE "Dr. Clemente Ferreira" e EE. "Profª. Dirce Belluzzo de Campos" por se referirem ao ensino fundamental e ao ensino médio – não mais como 1º e 2º graus.

Essas mudanças na denominação refletem não apenas as reformas no ensino, mas também as tentativas de adequação da Escola na sociedade, bem como as influências da mentalidade, da política e da administração que prevaleceram em determinadas épocas, ou seja, das formas atuantes da ideologia que predomina. A ideologia entendida como:

> *"...um conjunto lógico, sistemático e coerente de representações (idéias e valores) e de normas ou regras (de conduta) que indicam e prescrevem aos membros da sociedade o que devem pensar e como devem pensar, o que devem valorizar e como devem valorizar, o que devem sentir e como devem sentir, o que devem fazer e como devem fazer. Ela é, portanto, um corpo explicativo (representações) e prático (normas, regras, preceitos) de caráter prescritivo, normativo, regulador, cuja função é dar aos membros de uma sociedade dividida em classes uma explicação racional para as diferenças sociais, políticas e culturais, sem jamais atribuir tais diferenças à divisão da sociedade em classes, a partir das divisões na esfera da produção. Pelo contrário, a função da ideologia é a de apagar as diferenças como de classes e de fornecer aos membros da sociedade o sentimento da identidade social, encontrando certos referenciais identificadores de todos e para todos, como, por*

exemplo, a Humanidade, a Liberdade, a Igualdade, a Nação, ou o Estado. Isto significa que:

a) na qualidade de explicação teórica do real (através das ciências, sobretudo hoje em dia, ou das filosofias ou das religiões) a ideologia nunca pode explicitar sua própria origem, pois, se o fizesse, faria vir à tona a divisão social em classes e perderia, assim, sua razão de ser que é a de dar explicações racionais e universais que devem esconder as diferenças e particularidades reais. Ou seja, nascida por causa da luta de classes e nascida da luta de classes, a ideologia é um corpo teórico (religioso, filosófico ou científico) que não pode pensar realmente a luta de classes que lhe deu origem;

b) na qualidade de corpo teórico e de conjunto de regras práticas, a ideologia possui uma coerência racional pela qual precisa pagar um preço. Esse preço é a existência de 'brancos', de 'lacunas' ou de 'silêncios' que nunca poderão ser preenchidos sob pena de destruir a coerência ideológica. O discurso ideológico é coerente e racional porque entre suas 'partes' ou entre suas 'frases' há 'brancos' ou 'vazios' responsáveis pela coerência. Assim, ela é coerente não apesar das lacunas, mas por causa ou graças às lacunas. Ela é coerente como ciência, como moral, como tecnologia, como filosofia, como religião, como pedagogia, como explicação e como ação apenas porque não diz tudo e não pode dizer tudo. Se dissesse tudo, se quebraria por dentro"(CHAUÍ, 1990, p.113-114-115).

unesp

Portanto, entende-se que a Escola Pública é dinâmica e busca adaptar-se às mudanças sociais. Interage com a sociedade num processo dialético onde transforma e por ela é transformada.

Refletindo a sociedade na qual se insere, que é dividida por classes, as escolas aqui pesquisadas também se impõem com suas divisões. Quer entre professores e alunos, quer entre diretores e professores, a escola reproduz as diferenças existentes entre aqueles que ordenam e aqueles que recebem ordens, entre dominantes e subalternos. Alguns dados registrados evidenciam esta divisão, tal como a seguinte anotação:

"Entre o muro (...) e o alambrado há uma pequena área arborizada onde a diretora e a vice-diretora estacionam seus carros fora do acesso dos alunos, os demais professores estacionam seus carros na rua, em frente à escola".

Há vários fatores implícitos nesta observação. Nela podemos ler:

a) A diretora e a vice-diretora podem estacionar seus carros em lugar "privativo" da escola (que é pública), o que assinala a contradição implícita na ordem escolar;

b) Elas estacionam seus carros em lugar privilegiado, "na área arborizada", sob a sombra das árvores, portanto elas têm privilégio sobre os professores;

c) Estacionam fora do acesso dos alunos – a área é cercada. Isto indica que os alunos podem assediar seus carros e provocar danos materiais, se estacionados na rua. Aqui está implícito o temor por parte delas e a violência presente

unesp

na ordem escolar, tanto de ordem da violência concreta, quanto de ordem da violência simbólica.

A sala dos professores em uma das escolas é improvisada:

"... ao lado da secretaria foi improvisada a sala dos professores separada no corredor por uma divisória". Portanto, onde era corredor – e ainda o é de certa forma, pois os funcionários ali transitam constantemente – tornou-se também sala dos professores.

Na outra escola tem-se:

"De um lado (do pátio de refeição e recreação) existem duas pequenas salas; uma delas tem materiais fora de uso, e a outra, pequena e desconfortável, com teto bastante baixo, serve de sala dos professores".

Se em uma das escolas a sala dos professores é improvisada, na outra escola é extremamente desconfortável, ao lado do pátio de recreação e refeições dos alunos, ao lado da cozinha, de frente para os sanitários dos alunos. Mais uma vez é possível ler a relação entre diretores e professores como uma relação hierarquizada onde a ordenação do próprio espaço parte dos diretores para os professores em ordem de subordinação, tanto em termos do contexto escolar, como em termos do contexto social, visto que a sala da diretoria não serve apenas à própria direção, mas também como lugar de recepção para pais de alunos, supervisores escolares e outros representantes de outras esferas sociais.

As portas, os portões, os muros também denunciam a ordem imposta no contexto escolar. Grandes portas de madeira ou envidraçadas, escadarias

unesp

na entrada dos professores, quando confrontadas com os portões de ferro, com cadeados, como lugar de entrada e saída de alunos, além dos altos muros e alambrados, denunciam as relações ali existentes. Seria possível, se fosse o caso, fazer uma análise das representações implícitas nas portas, portões e escadarias presentes no imaginário social no momento histórico da construção das escolas aqui pesquisadas, porém não é este o propósito da pesquisa, mas o seu registro é oportuno.

Por outro lado, é possível verificar que os portões de entrada e saída de alunos foram mudados no decorrer dos anos. Em duas das escolas, os lugares de saída e entrada de alunos foram modificados. Foram retirados da rua que também dava acesso à entrada e saída de professores, diretores e funcionários e foram colocados na rua transversal a primeira. Não apenas modificando o distanciamento entre elas (saídas e entradas), mas também mudando a direção de ambas. Esta distinção de entradas e saídas – de um lado diretores, professores, funcionários; de outro alunos – concretiza a separação existente entre eles. Não se trata apenas de uma distinção de ordens, de qualificações e competências, mas de separação mesmo. Separação que está nos espaços específicos, nos quais cada um desempenha o seu papel. Papéis definidos pela entrada, pelo local de recreação ou descanso, pela posição física na sala de aula (alunos sentados, professores em pé), pela relação que nela se estabelece: professores que "detém o saber" e "ensinam", alunos que não "detém o saber" e "aprendem". A separação define-se até pelos níveis nas entradas – entrada oficial da escola com degraus, entrada de alunos no nível do chão. Não se

unesp

trata de estabelecer o que é ou não conveniente, mas de compreender o que isso representa: quais os significados que se expressam pela metáfora "subir degraus".

Os muros, com o decorrer dos anos, tornaram-se mais altos; os portões e portas ganharam grossos cadeados, o que representa não apenas o aumento da violência no contexto social, mas também aquela que está presente no contexto escolar. De fora para dentro não entra vândalo ou depredador, e de dentro para fora, o educando não cabula aula, não abre o portão, não pula o muro. Infiltrada e dissimulada na violência social, mais uma vez se faz presente a violência do contexto escolar, incluindo a simbólica, com a qual a escola faz prevalecer os seus ditames e a ordem hierarquicamente estabelecida enquanto relação de força entre os grupos que estão na base do poder arbitrário da ação pedagógica. (BOURDIER., PASSERON.1975, p.21)

A relação professor/diretor se insere na mesma ordem, conforme foi possível constatar pela disposição em que se encontravam os móveis após uma reunião durante as HTPCs (Horas de Trabalho Pedagógico Coletivas), onde reproduzia exatamente as posições de sala de aula: a mesa na frente, onde estava o diretor; e as cadeiras universitárias enfileiradas, onde ficaram sentados os professores. Esta relação sugere que o poder da palavra também é estabelecido pela hierarquia escolar, e ficou clara na contrariedade evidenciada nos depoimentos de pelo menos duas professoras. Uma delas revela que *"não se sente à vontade para dar aula na escola, devido ao tratamento que recebe por parte da direção"*. e teme represália pelo conteúdo revelado por ocasião da entrevista, quando fala sobre a política

unesp

discriminadora presente na escola. A outra diz claramente como se sente para discutir os problemas de ensino: *"Se as pessoas, a maioria acaba não falando isso, por que você vai falar isso? Você vai entrar em discussão séria com seus superiores, com vários pedagogos..."* Neste depoimento percebe-se que questões de suma importância em termos pedagógicos são minimizadas, são silenciadas para evitar o atrito com seus superiores. Pelo que foi possível entender no depoimento dessa professora, um possível atrito não traria nenhum ganho, mas apenas perdas. Não há uma discussão profícua que permite colocar pontos de vista diferentes sobre uma mesma realidade, permitindo fortalecer uma possível democracia. O que transparece na fala da professora é a existência de uma relação de autoritarismo e de subordinação que culmina com a *revelação "o professor está sofrendo muito, as crianças estão sofrendo muito"* e convida, quase num apelo, aqueles que podem fazer alguma coisa por esse ensino falido*: "Venha acompanhar o dia-a-dia dessas crianças, venha sentir as dificuldades"*.

Na observação dos espaços das salas de aulas, foi possível constatar que no período da tarde e da noite, algumas salas não obedecem as regras estabelecidas para o espaçamento entre alunos, que devem ser mantidas. Segundo o decreto Lei nº 12.342, de 27 de setembro de 1978, Artigo 102: *"A área das salas de aula corresponderá no mínimo à 1m² por aluno lotado em carteira dupla de 1,20m², quando em carteira individual"*. Foi constatado, segundo o registro do relatório de pesquisa que: *"A classe comporta mais alunos do que permite o seu espaço físico. Eles agrupam-se em dois, três ou até mais alunos, unindo várias carteiras. Mesmo*

assim, o acesso da professora a alguns fica impedido pela falta de espaço. Para sair de seus lugares, os alunos se esgueiram pelos pequenos espaços entre os grupos. A mesa da professora fica em um canto da classe, num espaço tão pequeno – entre paredes, carteiras e quadro negro, que quase não é possível o seu uso". E em seguida*: "Tal como a outra sala, pouco espaço para o número de alunos que comporta. (...) Pequeno também é o espaço entre as carteiras e o quadro negro. Não existe espaço suficiente para a passagem do professor. Sentados em grupos de três, os alunos unem as suas mesas e carteiras economizando o espaço da sala de aula. A abordagem é dificil; é impossível chegar perto dos alunos que estão no fundo da sala de aula. Foi necessário pedir a colaboração dos alunos parar que os questionários fossem distribuídos por toda a sala... Os alunos que sentam na frente da classe têm dificuldade para ler e copiar o que está escrito no quadro negro, tendo que levantar muito a cabeça para fazê-lo".*

Outro dado interessante constatado foi a existência de uma "política de exclusão e inclusão de alunos", de uma escola para a outra, ou seja; alunos considerados ruins – os chamados "laranja-podre" (nome dado em referência ao fato de conhecimento popular, que uma laranja podre pode contaminar outra, portanto deve ser jogada fora; separada das laranjas boas) são enviados para uma das escolas, a fim de com eles formarem novas classes. Essa "política" que é camuflada sob a alegação de falta de vagas, se desdobra com outras conseqüências e uma delas é o fato anteriormente citado: um número de alunos acima do permitido por lei, que se aglomera dentro de uma sala de aula, visto que esse mesmo número não chega a

unesp

permitir o seu desdobramento em outras classes. Não sendo possível a formação de outras salas, o prejuízo é partilhado entre professores, alunos e ensino/aprendizagem.

Essa "política de exclusão" de uma escola e "inclusão" em outra escola tem como redundância uma forma de segregação. Conforme depoimentos de professores e diretores, alunos da periferia da cidade e da zona rural estudam nos períodos da tarde e noturno, sendo que alunos da zona urbana, dos bairros mais centrais, estudam no período da manhã. Obviamente, a confirmação deste fato por várias pessoas se deu de forma subjacente às respostas de perguntas objetivas, que não entravam diretamente nesta questão e quando uma das professoras fez uma declaração a esse respeito, pediu para que não fosse gravada, conforme está registrado*: "Existe uma política nas escolas: alunos de periferia estudam na parte da tarde, eles são tidos como os piores alunos pela falta de disciplina e pela falta de educação com que se comportam"*.

Em outra ocasião tem-se:

"Nesse momento, ele (o diretor da escola*) disse, como outros diretores também haviam dito, que seria muito bom eu aplicar esse tipo de questionário com os alunos da tarde, pois de maneira geral são alunos provenientes da zona rural e alunos de periferia"*. Perguntado se era pré-estabelecido pelas escolas que alunos da zona rural e periferia estudassem à tarde, já que o mesmo comportamento foi observado nas outras escolas, ele respondeu que *"até há dois anos atrás* (quando ele ainda estava afastado*) havia uma política seletiva na escola,*

unesp

onde alunos de 'elite' estudavam na parte da manhã, enquanto alunos da zona rural estudavam na parte da tarde".

O próprio diretor afirmou que essa discriminação era efetuada pela própria escola e, embora ao assumir a direção ele tenha procurado mudar essa condição, ainda restam as duas últimas séries obedecendo esse critério – alunos de maior poder aquisitivo e que residem no centro urbano estudam na parte da manhã e alunos da periferia e da zona rural estudam na parte da tarde. Nas duas primeiras séries já houve "uma mistura" (termo empregado pelo Sr. Diretor de Escola). Em outro depoimento, de uma das professoras entrevistadas, quando a pesquisadora pergunta se os alunos a quem ela se referia eram do sítio (zona rural), a professora respondeu:

"Da periferia. Mas ali é mais da área da 'Treze' (referindo-se a Rua Treze de Maio), a clientela minha. Eu estava fazendo mapeamento. É tudo de lá e dali de perto. Todos dali, da Paes Leme (rua) prá lá.

Pesquisadora: Você chegou a fazer o mapeamento? Por quê?

Professora: Eu estava pedindo o endereço porque eu queria distribuir livros (didáticos)*. Eu queria saber o endereço deles. Tipo assim: se eles não devolverem, eu vou buscar. Aí, eu estava vendo e aí... eu andei mexendo no mapa de Vera Cruz, então eu vi a região que todos eles moram, todos da Avenida prá lá mesmo, sabe?*

Pesquisadora: E esses alunos estudam na parte da tarde?

Professora: Na parte da tarde".

unesp

(Observação: "Da Avenida prá lá" significa que os alunos estão delimitados entre a Avenida Paulista de um lado e a Rua Treze de Maio de outro, a leste da Rua Paes Leme, que é a zona aparentemente mais pobre e populosa de Vera Cruz.)

Em outra entrevista com professoras foi registrado:

Professora: "Eu tenho uma quinta série com vários problemas e uma outra que o nível é mais elevado.

Pesquisadora: É dividido, é selecionado? Como é isso?

Professora: Eu não sei. Eu acho que veio de outra escola. As outras escolas mandaram os alunos para nós. Depois de formadas as classes. Então, eles mandam sempre os piores, né?

Pesquisadora: Formam uma segunda classe?

Professora: É prá formar uma segunda classe.

Pesquisadora: A EE "Profª. Dirce Belluzzo de Campos" mandou para cá?

Professora: É, é. E a EE "Dr. Clemente Ferreira", a quarta série também. Os alunos, a gente fala laranja-podre, né? Vem sempre prá cá. (...) Os nossos alunos a gente faz uma turma. E os que vêm de fora a gente faz outra turma, porque já deu a classe, já completou a classe; então vai para a outra classe.

Pesquisadora: Você acha que existe uma política discriminadora aqui? (Obs: A professora, com gesto, demonstra aparente receio de sofrer alguma repressão por parte da direção da escola, mas responde:)

unesp

Professora: Tudo bem! Existe e como! Aqui só tem laranja-podre".

Durante o período de aulas foi possível observar que alunos, que deveriam estar em aula, realizavam trabalho de limpeza na escola, em companhia de um dos professores. Este trabalho consistia em varrer a parte da frente da escola, jardim, calçada, sarjeta, amontoar o lixo e recolhê-lo. Essa observação foi possível em várias ocasiões.

A partir de algumas atitudes dos diretores verifica-se que suas relações com os pais de alunos e com a sociedade de maneira geral nem sempre são satisfatórias e que existe um certo medo ou receio presente no cotidiano desses profissionais.

Ao ser solicitada a permissão para realizar a pesquisa em uma das escolas, a Diretora procurou tomar as precauções a fim de evitar possíveis incidentes, conforme está no relatório de pesquisa.

"Pedi-lhe permissão para coletar os dados necessários e ela (Diretora) *exigiu que fosse efetuado um requerimento por escrito dirigido a sua pessoa. Propôs que as entrevistas com os alunos sejam efetuadas por escrito, alegando a necessidade de uma documentação correta. Orientou-me no sentido de não colocar o nome do aluno no questionário e avisou-me que estará presente no momento da aplicação dos mesmos, a fim de evitar qualquer equívoco por parte dos alunos ou por parte dos pais de alunos, pois teme possíveis complicações e envolvimento com o Conselho Tutelar do Menor e do Adolescente. (...)Pediu-me para*

unesp

tirar os óculos escuros para ver meu rosto inteiramente"; em seguida " relatou-me que tem o dom da visão espiritual".

Apesar de ter combinado dia e hora para voltar à escola a fim de iniciar o trabalho de pesquisa, consta do relatório:

05 de abril de 2000 – "A Sra. Diretora não estava e não foi possível iniciar o trabalho de entrevistas.

06 de abril de 2000 – Novamente não foi possível encontrar a Sra. Diretora (apesar do recado que lhe foi transmitido comunicando-lhe a hora em que voltaria).

07 de abril de 2000 – Consegui encontrar a Diretora. (...) Conforme ela havia pedido, mostrei-lhe o questionário que será aplicado nas entrevistas com os alunos, e o questionário que servirá de pauta para a entrevista com os professores e diretores. (...) Procurei restringir as questões, de forma a não dar margem a qualquer outra interpretação..."

No mesmo dia a pesquisadora voltou no período da tarde para realizar seu trabalho, conforme havia combinado verbalmente com a Diretora e registrou:

"Não foi possível realizar a pesquisa através dos questionários, pois nem a Diretora nem a Vice-Diretora estavam presentes na escola, e a ordem era que uma delas deveria me acompanhar na realização das entrevistas".

É impossível não perceber que todas as exigências não foram apenas por se pautar por uma "legalidade" ou pela "necessidade" de uma

unesp

documentação correta. A dificuldade repetiu-se quando foi solicitado aos professores que respondessem os questionários por escrito, pelo fato de terem alegado a não disponibilidade para a entrevista oral. Em uma das escolas, dos dez professores convidados, apenas quatro atenderam a solicitação e em outra, de dez professores, apenas três atenderam o pedido. Ao contrário, na escola onde a solicitação foi efetuada através da Direção (pelo fato da própria Direção ter alegado que os professores não estariam disponíveis para as entrevistas orais), o número de questionários chegou a vinte e cinco. Várias vezes a pesquisadora teve que voltar às escolas para recolher os questionários e sempre havia um ou outro fator que obstaculizava o recolhimento.

Em uma das escolas foi possível observar, em três circunstâncias, o mesmo receio de comprometimento.

A primeira circunstância foi a respeito do envolvimento ou não com a greve dos professores, levantada pela APEOESP (Associação dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo). Temerosos de se comprometerem com a posição que exige uma greve, alguns professores esperavam pela decisão de outros; como ninguém se decidia, a maioria permaneceu indefinida. Enfim, não conseguiram assumir a posição de grevistas.

A segunda circunstância se deu no momento que foi iniciada a gravação das entrevistas com os professores. Alguns demonstravam franco receio de serem gravadas as suas falas. Uma das professoras, embora falasse com entusiasmo sobre a crença nos benzimentos, evitava a gravação. A cada movimento ou menção

unesp

de movimento para registro de seu parecer, ela colocava a mão na boca, evitando ou temendo que seu depoimento fosse gravado.

A terceira circunstância se deu quando o Diretor da escola interrompeu as entrevistas para falar sobre a presença de um pai de aluno que estava pedindo explicações sobre a suspensão de aulas para seu filho, como medida punitiva, por conta da queixa de uma das professoras ali presente. A professora responsável pela punição levantou-se para atendê-lo, mas foi interrompida pelo Diretor que a orientou no sentido de que melhor seria se ela fosse atendê-lo acompanhada de outros professores, que aproveitariam a ocasião para reforçar a queixa em relação ao comportamento do aluno. Após uma breve discussão, ficou combinado que os professores reunidos na hora do intervalo atenderiam ao pai, naquela mesma sala.

Outra questão que foi levantada através da observação e das entrevistas refere-se mais intimamente à transmissão da cultura oficial. Foi possível observar que à medida que não dominam a escrita, os alunos sentem-se constrangidos por terem que se expressar através dela, conforme a anotação:

"... os alunos (da sexta série) *não ficaram à vontade para escrever sobre o assunto (benzimentos) e suas experiências com eles. Limitaram-se a responder 'sim' ou 'não', 'fui com minha mãe' etc. Poucos escreveram algo mais consistente sobre os benzimentos. Porém, enquanto conversávamos, eu falei-lhes sobre a cultura popular – benzimentos, incluindo jogos e brincadeiras de crianças. Eles se alegraram, riram e se dispuseram a contar sobre suas experiências com*

benzimentos. Vários quiseram participar; outros demonstravam o desejo, mas não ousavam. (...) Todos queriam falar ao mesmo tempo".

Com referência à turma do noturno da oitava série, foi registrado:

"Bem diferente dos alunos do período diurno (tarde) *que se mostraram tímidos e, posso dizer, até mesmo constrangidos ao escrever, os alunos do período noturno se mostraram mais desenvoltos e mais seguros. Quase não fizeram perguntas limitando-se a responder os questionários e entregá-los de volta. Foi possível observar o quanto foi mais fácil o ato de se expressar através da escrita para os alunos da oitava série. Enquanto os alunos da sexta série fizeram várias perguntas referindo-se ao modo de escrever, a oitava série respondeu quase que calada. Em compensação, os alunos da sexta série demonstraram alegria e descontração quando participaram da pesquisa através da fala e dos gestos."*

Essa falta de domínio da escrita foi confirmada através de outros depoimentos, conforme está registrado:

Algumas professoras reclamaram da disciplina dos alunos e, uma delas, responsável pela quarta série, informou que a classe está com trinta e dois alunos; que apenas dez deles têm condições para ir para a quinta série, cinco deles estão sem completar a alfabetização (ler, escrever, contar) e não conseguem resolver sequer uma 'continha' de adição de dois algarismos; os demais estão no limite mais baixo para serem promovidos para a quinta série. Ela ainda informou que mesmo os alunos com insuficiência na aprendizagem, se melhorarem um pouco no segundo semestre, deverão ser promovidos.

unesp

Um pouco acima dessa declaração da professora foi registrado o seguinte dado: *"Não observei também nenhum aluno que na estatura fugisse dos padrões próprios da idade de alunos que freqüentam as quatro primeiras séries do primeiro grau".*

Esta é outra indicação que reforça o que foi dito pelas professoras: alunos sem condições de serem promovidos, passam para as séries seguintes, independente ou não de estarem aptos no seu aprendizado, para efetivar uma promoção de série. Em outros depoimentos, pode-se verificar a mesma condição:

"...eu acho que mudou muito o estudo. Em relação às notas; agora tem aquela que você não pode repetir o aluno, ele passa automaticamente. Então, isso atrapalhou muito porque eles chegam na escola e falam assim: ' Não vou copiar a matéria, não vou estudar, porque eu já vi na televisão; meu pai falou, minha mãe falou que não repete mais de ano.' Então, isso desestimula todo mundo, todo professor. Nessa experiência de repetência que o governo fala que diminuiu; diminuiu por quê? Porque ele abriu caminhos que eu acho que ... que ele não devia abrir mesmo!" (Profª. das disciplinas de Português e Inglês)

Em outro depoimento, uma professora que leciona Matemática:

"Embora você tenha que trabalhar o conteúdo, você tem um planejamento, você cumpre aquele planejamento menos profundo; porque antes você aprofundava mais; agora você vai trabalhando o conteúdo, mas de maneira mais superficial, porque realmente a falta de base, os pré-requisitos cada vez estão ficando... Os alunos estão chegando à quinta, sexta série com mais dificuldade a

unesp

nível de pré-requisitos básicos. Você caminha, dá um passo para a frente e três para trás, um para frente, três para trás. Isso está dificultando bastante, então, tá ficando difícil a cada ano que passa".

"Só deve ser aplicada a Matemática do dia-a-dia porque o resto não interessa ao aluno. Então fica difícil; porque o aluno tem que trabalhar com o concreto, mas também tem que trabalhar com o abstrato. A questão da Filosofia; por quê? A Filosofia, a Sociologia em muitas escolas do segundo grau foram retiradas. Eu penso que nem tudo é assim: se não for no concreto o aluno não aprende".

E em seguida a professora faz referência direta à proposta da progressão continuada:

"A questão da progressão continuada; eu não sei o que está acontecendo de verdade. Tem que fazer uma pesquisa séria e verificar o que está acontecendo; porque, de fato, nós temos alunos de quinta e sexta séries (sem alfabetizar). Agora, o que nós sabemos é que a alfabetização se dá ao longo das oito séries do ensino fundamental. Só que é bem diferente o aluno chegar à quinta, sexta série bem alfabetizado daquele que não chegou. Nós temos alunos que estão aí na quinta série que realmente é nível de segunda série".

"Só que aí fica difícil; numa sala totalmente heterogênea, uma sala totalmente heterogênea com alunos que estão num nível realmente de quinta, sexta série, e no nível de segunda e terceira série que não conseguem nem fazer cópia da lousa. Isso é possível. É verdade mesmo, é comum, não está difícil encontrar em quinta e sexta série, alunos que não conseguem interpretar, fazer cópia, escrever um

unesp

texto, redigir. Agora, porque está acontecendo isso? Como está sendo interpretada na prática essa questão da progressão continuada?"

Em entrevista com um dos diretores de escola, na qual é oferecido ensino médio, está registrado que os alunos não entendem o enunciado da questão e o que ele percebe é uma "defasagem muito grande".

Ainda sobre a forma como está sendo efetivada a progressão continuada em nossas escolas:

"Ele (o aluno) *não domina nada na sétima série, faz a recuperação em janeiro em três semanas. Ele continua na oitava. Tudo bem. Quando eu falei é isso, é qualidade. Ele está sendo reprovado. O governo não quer evasão. Nossos governantes não querem evasão e não querem repetência. Tudo bem, esses objetivos estão sendo alcançados, mas a qualidade de ensino? Isso não é qualidade".*

Observa-se no depoimento da professora que a escola, sem condições de atrair o aluno, de efetivar o ensino devido, se desdobra em atitudes de tolerâncias e no relaxamento do ensino para evitar um enfrentamento com as normas estabelecidas pelos órgãos estaduais que disciplinam as regras da educação e do ensino fundamental. Na Seção III – da L.D.B. – que se refere ao artigo 32, tem-se:

unesp

"O ensino fundamental, com duração mínima de oito anos, obrigatório e gratuito na escola pública, terá por objetivo a formação básica do cidadão mediante:

I – o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo.

II – a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade.

III – o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores.

IV – o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social."

No parágrafo 2º do referido artigo está escrito:

"Os estabelecimentos que utilizam progressão regular por série podem adotar no ensino fundamental o regime de progressão continuada, sem prejuízo da avaliação do processo de ensino – aprendizagem, observadas as normas do respectivo sistema de ensino" (Lei 9.394/96).



A professora alerta: *"Como está sendo interpretada na prática essa questão da progressão continuada?"*

Entretanto, ao consultar um dos diretores e vice-diretora sobre a questão da progressão continuada e como ela é vista por eles, o registro foi o seguinte:

Na opinião dele (Sr. Diretor) a progressão continuada não é ruim e afirmou que a queixa dos professores se deve ao tempo dedicado à recuperação paralela ser muito curto e não conseguir na realidade efetivar a recuperação.

"Na progressão continuada, e eu sou a favor da progressão continuada, não que ela seja... não no sentido de passar as crianças automaticamente, não é isso. Mas, a progressão continuada, ela tem muito... Olha, a progressão continuada, ela é: contínua, paralela, e depois tem intensivo ainda no final do ano. E nós estamos sentindo ainda que a criança tem melhorado muito na aprendizagem. A dificuldade do professor... ele nos procura, procura a coordenadora".

Os professores debatem-se em suas dificuldades com relação a colocar em prática as determinações recebidas a partir das normas estabelecidas pela Secretaria da Educação do Estado, da Coordenadoria do Ensino do Interior, passando pelas Diretorias Regionais de Ensino e sob a supervisão da mesma. Reconhecem as deficiências das normas na própria prática de ensino, em sua própria base; angustiam-se e procuram soluções em novas metodologias. Mas é impossível ignorar as falácias dessas normas e tomar providências que visam solucionar problemas concretos, tais

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

como a evasão e a repetência a partir de uma visão que vem dos órgãos oficiais da educação estadual.

Nesse sentido, é possível entender a Escola como uma organização burocrática, cujo aparato obedece diretamente ao Estado entendido como:

> *"O Estado Moderno é uma empresa, (Betrieb) idêntica a uma fábrica: esta, exatamente, é a sua peculiaridade histórica. Aqui como lá, as relações de autoridade têm as mesmas raízes. (...) A dependência hierárquica do trabalhador assalariado, do funcionário administrativo e técnico, do assistente no instituto acadêmico, assim como do servidor público e do soldado, deve-se ao fato de que, em seu caso, os meios indispensáveis para a consecução da empresa e para o ganho de subsistência estão nas mãos do empresário ou mandatário político"* (no caso, o governo). (WEBER, 1980, p.17)

O Estado burocrático que adquire força com o intervencionismo estatal e a ingerência dos poderes públicos em todas as esferas da atividade humana.

O material colhido e revelado através da pesquisa, permite levantar inúmeras outras questões sobre a escola pública e o ensino oficial no seu contexto atual. Porém, o que foi aqui selecionado é suficiente para aqueles que são

unesp

interessados no ensino oferecido à classe trabalhadora, traçarem um perfil das escolas e da qualidade de ensino nelas ministrado. Pode-se dizer que a cultura oficial, ministrada nas escolas públicas, está pedindo socorro. Existe a boa vontade por parte dos professores, apesar de alguns deles aparentar uma formação um pouco deficiente. Existe o desejo manifesto de ensinar, mas a própria estrutura na qual está assentada a escola enfraquece-os. Conforme foi possível observar, o passo acenado por FREIRE, na sua concepção de educação popular - do conhecimento intransitivo para o conhecimento transitivo, passando pela consciência ingênua, a fim de formar uma sociedade mais justa e igualitária, é alçado, mas não chega a efetivar-se:

> *"A consciência intransitiva é a limitação de sua esfera de apreensão. É a sua impermeabilidade a desafios situados fora da órbita vegetativa. Neste sentido, e só neste sentido, é que a intransitividade representa um quase incompromisso do homem com a existência. O discernimento se dificulta. Confundem-se as notas dos objetos e dos desafios do contorno e o homem se faz mágico, pela não captação da causalidade autêntica.*
>
> *A transitividade ingênua se caracteriza pela simplicidade na interpretação dos problemas, pela impermeabilidade à investigação, a que corresponde um gosto acentuado pelas explicações fabulosas. Pela fragilidade na argumentação. Por forte teor de emocionalidade. Pela prática não propriamente do diálogo mas da polêmica. Pelas explicações mágicas.*

A transitividade crítica, por outro lado, a que chegaríamos, voltada para a responsabilidade social e política, se caracteriza pela profundidade na interpretação dos problemas. Pela substituição de explicações mágicas por princípios causais" (FREIRE, 1996, p.68-69).

unesp

CAPÍTULO IV

A CULTURA POPULAR NO CONTEXTO ESCOLAR

Quando no projeto de pesquisa foi colocado que ao lado da cultura erudita transmitida pela educação escolar, existe a cultura popular que articula uma concepção de vida e de mundo que se contrapõe aos esquemas oficiais, estava-se lidando com a possibilidade de haver um embate entre essas duas esferas de cultura quando inseridas em um mesmo contexto.

Tencionava-se com a pesquisa obter uma visão mais clara da dinâmica cultural operada no contexto escolar, entendendo que o caráter dominante da cultura oficial, ministrada na escola, poderia sobrepor-se à cultura popular, talvez inadequadamente. Alunos provenientes das camadas populares, ligados pela origem e pela vivência à cultura popular, que veicula uma concepção mágica da realidade, vinculadas às crenças que refletem condições de vida já ultrapassadas tanto pela urbanização crescente como pelo desenvolvimento tecnológico e científico, poderiam estar sendo prejudicados no seu desenvolvimento e na capacidade de aprendizagem no que se refere à educação escolar. Visto que a especificidade desta é o saber metódico, sistemático, científico elaborado que predomina sobre o saber espontâneo, "natural" e assistemático. (SAVIANI, 1991, p.15)

unesp

Entretanto, ao observar e entrevistar os professores, diretores e alunos, os dados fornecidos não apontam sequer para a distinção de ambas formas de cultura e de pensamentos exigidos pelas mesmas, de maneira mais definida, porque os próprios conceitos do senso comum não chegam a ser elaborados adequadamente a fim de atingir o pensamento racional e científico.

1. A crença nos benzimentos

Dos professores entrevistados raros foram os que disseram não acreditar na eficácia dos benzimentos, ou não fazer uso deles. Essa eficácia é atribuída quase sempre a outras formas de conhecimento que se aproximam mais da ciência moderna, quase sempre como evasivas para justificar suas práticas ou suas crenças. Aqueles raros que disseram não acreditar, colocavam a justificativa em outras crenças e houve até um dos diretores que, dizendo categoricamente não ser adepto de nenhuma crença, lamentou por não poder acreditar.

À pergunta "você acredita em benzimentos?", as respostas obtidas foram: *"Eu acredito devido a cultura que eu tive na minha família"*. Depois, a entrevistada acrescenta em relação à crença: *"Eu acho que a questão do benzimento está ligada a um ser sobrenatural, sua vida assim... biologicamente: uma dor. Eu acho que a pessoa acredita mais num ser assim, acima de alguma coisa"*.

unesp

Para outra professora, também exercendo o cargo de direção, os benzimentos são bons e ela mesma já fez muito uso deles e assim justifica: *"Eu já fui muito.* (em benzedeira)... *Eu já fui sim e o motivo é que eu comecei a ter desmaio e ninguém resolvia o meu problema. Mas depois eu vi que não era uma benzedeira que eu tinha de procurar; mas no momento em que ia na benzedeira, eu acreditava naquilo que eu estava fazendo".*

Para ela, os benzimentos são bons: *"Quando não se forma vício. Porque as pessoas começam a tornar dependentes daquilo*". Acha que a benzedeira tem dom realmente. *"Às vezes, é até psicológico para a pessoa que vai lá. Às vezes, nem tem esse dom. (...) Mas há realmente algumas pessoas que tem o dom de equilibrar as energias naquele momento".*

À pergunta "o que você entende por equilibrar energias?", ela explica:

"Essa coisa é bem explicável, porque somos um campo elétrico. Todas as pessoas que estudam física ou química sabem que nós temos um campo elétrico. (...) Até porque a gente já conhece alguma coisa sobre fofografia Kierlian, que fala sobre nossa aura física, aquela aura física e não espiritual. (...) Nós estamos num campo elétrico, nós temos sais no corpo. (...) É um fenômeno físico, não tem nada de espiritual".

Logo adiante, ela afirma sobre o "dom" de se equilibrar para os pais curarem seus filhos: *"Essas energias estão realmente na oração".* A pesquisadora pergunta "o que é 'dom' para você?" e ela responde:

unesp

"Acho que Deus fez cada pessoa de uma forma; nós nos completamos. (...) Eu tenho um dom, você tem outro, mas esses.dons Deus respeitam a nossa genética. (...) Às vezes, a gente acha que é um defeito e não é. Esse defeito equilibrado vai perder muito numa comunidade. Por exemplo: um agressivo pode transformar num cirurgião. Então, uma pessoa muito mansa não serve prá educar, porque ela vai ser feita de gato e sapato. Ele tem que ter o equilíbrio psicológico também. Eu acho que tudo tem equilíbrio na natureza."

E sobre a fé, ela afirma: *"Olha, a fé é a confiança em Deus, antes de tudo, confiança"*. Depois: *"Mas a confiança em Deus e a fé em Deus nos leva a fazer além daquilo que nós podemos com essa fé. É muito diferente do pensamento positivo. Porque o pensamento positivo é prá materialista e a fé não é materialista."*

Nos dois depoimentos observa-se que existe a tentativa de ligar o saber espontâneo, a crença nos benzimentos ao saber científico: *"a questão do benzimento está ligada a um ser sobrenatural, sua vida assim... biologicamente: uma dor"*. *No segundo depoimento: "Acham que a benzedeira tem o dom realmente. Às vezes, é até psicológico"*.

O dom da cura para a professora, nesse momento, se refere ao *"poder de equilibrar as energias"* e explica dizendo que *"é um fenômeno físico, não tem nada de espiritual"*. Depois se contradiz: *"Essas energias* (que servem ao dom da cura) *estão realmente na oração"*. E sobre o dom, ela afirma que *"é genético e que Deus deu a cada um de nós"*. O equilíbrio tem que "ser psicológico" mas está "na natureza". "A fé é a confiança em Deus antes de tudo", mas depois é separada da

confiança – *"a confiança em Deus e a fé em Deus"* e *"é muito diferente do pensamento positivo que é prá materialista e a fé não é materialista"*. Vê-se que a todo momento persiste a tentativa de racionalizar a crença, o dom, a fé justificando ou traçando um paralelo com a Ciência e o pensamento científico moderno, que não chega sequer se completar.

Em outros depoimentos temos:

"Olha, se eu falar que cura, eu vou estar mentindo. Eu acho que ajuda, porque eu acho que muitas doenças vêm da cabeça. Eu não sei se estranho isso porque eu sou professora de Ciências também.Você acredita naquilo; se você acreditar, tua cabeça vai acreditar naquilo que o teu cérebro (mandar). *Então vai curar"*.

"Faz bem. Porque, às vezes, eu não estou me sentindo bem. Não sei... isso é dela (benzedeira), *ela chega a se arrepiar, sabe? Ela começa a bocejar. Então, só que eu me sinto bem. Não sei se é psicológico"*.

"Olha, eu acredito como benzimento kardecista, como transmissão de energia, eu... O benzimento como transmissão de energia, como troca de energia, eu acredito; porque eu acho que todos nós temos uma energia negativa ou positiva".

Outra vê nos benzimentos *"um recurso de fé"*: *"De repente, nessa idéia positivista, elas até conseguem alguma coisa e acreditam que foi o benzimento"*. Observa-se que a palavra "positivista" e "positivo" não tem a conotação dada pela Ciência, mas sim, a conotação dada popularmente a essas palavras.

Outra professora afirma:

"Olha, eu particularmente, não acredito. Mas eu acho que a força do pensamento da pessoa pode trazer algum bem. Veja bem, não que o benzimento tenha sido bom, mas a força pessoal que a pessoa tem, e que ela acreditando que aquilo faça bem.... eu acho que deve ter algum mecanismo que bote prá funcionar isso aí".

Percebe-se que, novamente, a crença é deslocada do seu eixo – que é o benzimento - para ser colocada sobre uma força pessoal ou energia, que são conceitos que mais se aproximam do pensamento científico. Por outro lado, outras professoras não se importam de assumir a crença nos benzimentos, a sua prática usual e definem o sentimento que resulta dessa prática como:

"Uma sensação muito boa. Uma sensação que você... realmente está tirando alguma coisa ruim de você. Você sai assim, praticamente leve de lá" .

"As coisas não estavam dando muito certo na minha vida, sabe? Assim, quando, de repente, parece que tudo está contra, e de repente, as coisas começam a melhorar. Eu não sei se é uma questão de coincidência ou não, mas as coisas começaram a melhorar".

Em outro depoimento: *"Mas eu acredito que cura essas coisas, essas doenças que geralmente criança tem. Mas assim, levar pra uma doença grave assim... Eu não acredito".*

Na entrevista seguinte, sobre os benzimentos:

"O que eu acho bonito é essa energia cósmica mesmo! É isso que me prende, sabe? Eu acho bonito isso. Eu acho também que vem do interior, brota uma confiança dentro de você que você acaba achando: me benzi, tô legal, tô bem".

Novamente, o depoimento revela ambigüidade e contradição: a energia que brota dos benzimentos, em um momento tem origem no cosmo, em outro momento tem origem no interior do ser humano. A mesma ambigüidade está presente no resultado dos questionários aplicados que vêm a seguir:

Acha que benzimento é bom? Benzimento cura doença ou algum outro mal?

- Acho que não faz nem bem nem mal. Não cura doença e nem outro mal.
- Às vezes, quando é feito com muita fé. Não, pode até melhorar.
- O que cura é a fé com que a pessoa se dirige a Deus.
- Para a cura de doenças, considero o benzimento ineficaz. Mas para algumas pessoas ele realmente resolve.
- Eu acho que não é o benzimento em si. Quando uma pessoa procura esse, acaba sarando é que ela acredita nisso e ocorre o que ela espera.
- Eu acho, se tivermos fé.
- Depende da fé, de quem acredita ou não.
- Se for com fé. Sim.

unesp

• Acredito que só o fato de alguém firmar o pensamento em uma pessoa e ser de bons fluídos, vai ser válido.

• Pode ser. Dependendo da fé de quem procura o "benzimento", pode até curar doença ou outro mal. Desde que, benzimento, deve estar relacionado à oração, e oração, nunca é algo que se perde, nunca é demais para ninguém.

• É relaxante. Não cura doença e nem algum outro mal, mas tranqüiliza as pessoas.

• Sim. Não tenho certeza que sim, mas acho que o simples fato de alguém nos tocar e dizer palavras que são carregadas de fé faz nos sentir melhor. Conseqüentemente há uma visível melhora.

• Dependendo da crença da pessoa, ela pode até aliviar.

• Depende da fé de cada um. Oração nunca é demais.

• Acho que é, pois já tive experiência em relação a verrugas de meus filhos. Passei por vários médicos, inclusive minha filha fez pequenas cirurgias e nada adiantou. Após um benzimento com simpatias tudo desapareceu.

• Achava. Acredito que não cura. O que cura é a crença num Deus Todo Poderoso.

• Acho que qualquer energia positiva que nos é passada é boa, mas não cura doença ou algum outro mal.

• Acho que todo tipo de oração é bom. No meu entender o benzimento não cura doença, ele faz com que a pessoa se sinta mais em paz.

unesp

• Tudo depende, até onde vai a fé das pessoas. Particularmente acredito que melhora o espírito.

• Sim.

• Em alguns casos sim.

• Sim. Não cura, mas ajuda psicologicamente.

• Passes sempre curam, quando você está disposto a ser curado; não é válido o passe tomado sem que você esteja realmente "sintonizado".

• Se não faz bem, mal também não faz. Se a pessoa acreditar e tive fé cura.

• Eu acredito em orações feitas diretamente a Deus.

• Sim. Mal não faz.

• Não. Não resolveu o meu caso, mas pode resolver o de outras pessoas.

Dos alunos que participaram da pesquisa, num total de cento e noventa e quatro, cento e quarenta responderam que freqüentam ou já freqüentaram benzedores.

unesp

2. O aprendizado da cultura popular e o ensino da cultura oficial nas escolas públicas

Como as entrevistas eram semi-estruturadas, deixavam uma certa margem de liberdade para a interpretação e, conseqüentemente, para as respostas. Mas, uma questão que era de extrema importância para a pesquisa, foi formulada de uma maneira ou de outra, mas sempre com o mesmo enfoque. Relacionava a cultura popular e o desenvolvimento do aluno nas escolas. Isto deveu-se ao fato de entender que o desenvolvimento do conhecimento exigido pela cultura popular se faz de forma espontânea e assistemática, e o desenvolvimento do conhecimento da cultura oficial exige uma postura diferente, onde para ser desenvolvido, ele deve ser sistematizado, *"dosado e seqüenciado, de modo que a criança passe gradativamente do seu não domínio ao seu domínio"*. (SAVIANI, 1990, p.26)

Levando em consideração que a cultura oficial opera com conceitos e atua a partir de um sistema teórico e elaborado, ela define-se pela totalidade do pensamento, do saber abrangente, homogêneo, racional e científico, enquanto a cultura popular opera através da lógica totêmica e do senso comum. Estes procedem através do signo e, como tal, permanecem presos a concretude da realidade sensível (ORTIZ, 1980. p.83). Entretanto, as respostas obtidas através desta questão nunca fizeram referência aos diversos modos de pensamento e do processo de assimilação das culturas oficial e popular, conforme estão transcritas a seguir.

unesp

Genericamente, a pergunta era: "na sua opinião, essas crenças, esses conhecimentos populares interferem na aprendizagem da cultura oficial ministrada na escola pelo fato de exigirem diferentes formas de pensar?"

Respostas das professoras:

"Eu acho que, por exemplo, eu não posso pôr a minha posição perante os alunos, de maneira nenhuma. A maneira de pensar é minha. Eu vou ministrar a minha aula de acordo com o conteúdo que deve ser passado. Se os alunos comentarem sobre ervas – muitas benzedeiras usam ervas para benzer – posso pedir uma pesquisa em cima disso. Perguntar se eles acreditam ou não; respeitar, que primeiro de tudo eu acho é o respeito ao ser humano. Se você acredita em alguma coisa, eu não vou tentar impor, né? (...) Fazer uma pesquisa sobre as ervas... que eu acho que os benzimentos, bem dizer, são chás. Receitam chá. Existe chá do quê? Chá de... Por exemplo: Perto da minha casa tem magnopirol. A benzedeira benze e diz: ' Dá um chá dessa erva.' E vai melhorar. Tem, por exemplo, a planta que chama atroveram. Várias plantas. Eu acho que o benzimento tá assim imbuído nas plantas medicinais".

"Eu não sei até que ponto. Hoje qualquer criança tem acesso à televisão, a uma série de coisas. Então, não é tão como era antes, quando a criança não tinha tanto acesso ao computador, televisão".

"Olha, eu particularmente, tento aproveitar o máximo disso. Eu acho assim, que é mais rico o que eles trazem. Eu tento aproveitar o máximo e tento mostrar para eles o outro lado. Eles trazem muita coisa, principalmente em Ciências.

(...) Mas eu tento mostrar para eles o lado científico. Não que eles desacreditam naquilo que eles trazem. Eu falo para eles que é o... que são tabus. E está passando de geração para geração; que acontece e a gente nem sabe o porquê. Eles falam: 'Se a senhora comer e olhar no espelho, a boca vai entortar.' E a gente não sabe nem porquê. 'Ah! Eu tenho uma prima que aconteceu isso!' Eu não deixo de acreditar neles, entendeu? Cientificamente isso não é 'comprovável'. Ninguém conseguiu provar cientificamente, mas as pessoas contam causos. Então, a gente... Cada um acredita ou deixa de acreditar. Eu acho que eu valorizo a parte deles. Não sei se está certo, mas é isso que eu entendo, viu?"

"Por exemplo, influenciar para o bem, você fala? Ou para o mal? Eu acho assim... Por exemplo: Se tiver, se o benzimento tiver um ponto positivo no aluno, né? Eu acho que ele renderia mais na sala de aula, ele... a gente tem que optar prá tudo, não é? Tem gente que é contra. Eu não sou contra. Desde que faça o bem e não o mal. Por exemplo: Se o benzimento fosse prá fazer macumba pra você... Eu não pego, porque tô com o corpo fechado. Então pro mal eu não acredito. Mas se prá bem, nossa! Eu já consegui muita coisa que psiquiatra não conseguiu".

"Eu volto ao que eu falei: depende de como está sendo conduzido esse benzimento. Penso assim: um benzimento que seja pra pessoa de muita paz, uma pessoa realmente bondosa, que tenha muito equilíbrio... existe! Tanto na igreja messiânica, como na religião espírita ou mesmo na igreja católica, existem pessoas que são extremamente amorosas que tentam imitar Jesus. Então, eu penso assim: que estas pessoas estão procurando coisas do bem, do amor. Facilita sim, porque vão

unesp

acalmar essas crianças, vai diminuir a ansiedade. A pessoa vai ficar mais calma, vai ficar mais tranqüila. Então, eu creio que facilita inclusive até a aprendizagem". (A outra professora que estava sendo entrevistada, limitou-se a dizer apenas que concordava com a visão da sua companheira).

"Eu acredito que o ponto-chave é o enunciado. Como você vai resolver uma questão de matemática, por exemplo, se eu não posso entender o enunciado dela, da questão; o que eu vejo é uma defasagem muito grande".

"Não tem nada a ver. Eu acredito... Na minha opinião, isso não tem nada a ver, porque isso aí... é uma cultura popular. Chegaria ao cúmulo de dizer que seria o folclore. E tudo que é folclore, que é passado de geração para geração, eu acho, tem uma força cultural também".

"Não. Eu acho que abre mais o leque. Eu acho que ele fica com mais opções".

"Não. Eu acho que isso aí não está ligado ao desenvolvimento do aluno".

"Não, de jeito nenhum! Eu acho que não tem muito a ver com o ensino. Eu acho que é uma coisa desvinculada do ensino".

"Não, não radicalmente. Eu acho que o fato de se benzer não vai se prejudicar. Não que a cultura popular está desvinculada, de jeito nenhum! Mas eu acho assim: o fato de se benzer não vai influenciar no que eu estou tentando passar prá eles, entendeu?"

"Eu acho que não tem nada a ver".

unesp

"Eu acho que a juventude tá... tá conturbada hoje em dia, que eu não sei o que eles são capazes ou deixam de ser. Eu... acho que a escola não está tendo mais atrativo prá essas crianças, principalmente essas crianças de classe popular baixa. Vamos falar assim: eles vêm no intuito de ter alguma coisa prá fazer; pelo menos na minha experiência. Viver dentro da escola... buscar a sopa, a merenda. Quê mais? Muitos vêm prá aporrinhar mesmo o professor, mas eu ainda acredito que é possível sim. Colocar um pouquinho... Como que fala, gente? Lapidar! Lapidar um pouquinho, colocar essa cultura erudita sim; eu ainda acredito. Dentro da realidade que eles vivem, com certeza é... é... eu acho que é possível e necessário. É necessário. Agora, você sente uma dificuldade em relação a isso, de maneira geral, vamos dizer assim, né? É na aprendizagem dessas classes, mas sem interferência".

As respostas obtidas através dos questionários não foram muito diferentes das obtidas nas entrevistas. Nenhum professor relacionou as formas de aprendizagem e de pensamento exigidas por uma e outra forma de cultura. Em nenhum momento as respostas foram relacionadas ao pensamento mágico, espontâneo, assistemático, bem como ao pensamento elaborado sistematicamente.

Na sua opinião, a crença nos benzimentos, seu uso e costume pode prejudicar o desenvolvimento do aluno, em relação à aprendizagem exigida pela cultura oficial ministrada nas escolas públicas?

unesp

Das vinte e sete respostas obtidas, sete foram 'não', sendo as demais respostas:

- Se a criança precisar de tratamento com especialistas e deixar ele de lado (para) trocando-o por benzimentos, poderá ser prejudicial no desenvolvimento do aluno.

- O benzimento não prejudica o aluno em relação à aprendizagem, até pode melhorar.

- É muito importante acreditar em Deus, religião propriamente dita deve ser exercitada com a família e não deve interferir no processo ensino-aprendizagem.

- Acredito que não.

- Em casos onde os pais usam esta forma de cura como se fosse essencial para a vida, pode sim trazer problemas para a aprendizagem.

- Acho que não, uma coisa não tem nada a ver com outra.

- Acho que não, desde que a pessoa acredite.

- Não, ou melhor, depende de como vai ser trabalhada.

- Pode, desde que a família das crianças fiquem "presas" somente ao benzimento. Se o caso for sério, a necessidade de tratamento médico é indispensável. Como já disse, o benzimento pode ser bom, ajuda, se a pessoa no momento em que procura tiver a fé (acreditar).

unesp

• Acredito que não, mas vai depender muito dos alunos, alguns podem ficar fanáticos e começar a levar isto para a sala de aula atrapalhando o rendimento escolar dos colegas.

• Não prejudica o desenvolvimento do aluno, desde que seus pais não façam disso uma obrigação (por exemplo, se não benzer não acontece a melhora).

• Sim. Se for um costume bitolado e fanático.

• Eu acredito que não prejudica em nada.

• Acredito que quando essa crença é um costume e usada em todos os setores e atitudes do dia a dia, torna-se prejudicial. Deixa-se de lado os próprios valores de potencial, para se acreditar na "crença". A criança deve acreditar nela mesma.

• Não prejudica o desenvolvimento do aluno desde que isso não seja a única forma de tratamento.

• Também creio que depende, pessoas fanáticas que só procuram este artifício para cura de todos os males, não só prejudicam a aprendizagem como também todas as outras coisas.

• Desde que ele e a família radicalizem o assunto; uma vez que muita coisa, digo, muitos assuntos têm sido estudado em sala de aula (ervas medicinais, por exemplo).

• O que prejudica a aprendizagem do aluno é a televisão que só transmite o que interessa para a classe dominante.

unesp

• Não. Atrapalhar o desenvolvimento de uma criança não, mas na minha concepção é um mito e não sou a favor de mitos, pois geram dependência emocional.

• Nada tem a ver, crendices com a aprendizagem.

Embora em várias ocasiões fosse dada ênfase à questão do raciocínio lógico-científico e do pensamento elaborado em oposição ao senso comum, não houve essa percepção por parte dos professores, que responderam a questão proposta, em sua maioria em termos de crença, fé etc.

3. A transmissão da cultura popular

Através das entrevistas com os professores e alunos ou através dos questionários propostos, foi possível verificar que a cultura popular – na forma das crenças nos benzimentos, o seu uso e costume em Vera Cruz – é passada pela tradição oral, pelo aconselhamento de uma pessoa para a outra, mas principalmente, através de familiares: pelos pais em primeiro lugar, mas também pelos avós, irmãos, tios ou pessoas próximas ao círculo familiar como as "madrinhas" ou amigos que buscam as crianças para se benzerem. Eis algumas declarações obtidas através dos professores:

unesp

"Eu acredito (nos benzimentos) devido à cultura que eu tive na minha família. A minha mãe levava eu e minha irmã para benzer. As minhas tias, as minhas vizinhas que moravam próximas à minha casa. Desde criança, estar vendo e ouvindo; então, passamos a acreditar".

"Olha... freqüentar agora... Bem, eu não tenho tempo! Mas eu já fui. Minha mãe me levava. Eu já fui várias vezes".

"Desde pequena minha mãe me leva. Desde pequena até hoje. Tanto prá... tendo alguma coisa ou não tendo; pro bem, pro mal; prá alguma doença ou sem doença mesmo. Eu vou sempre".

"Isso vem de berço. É tradição de família, vai passando de pai pra filho. E todos nós temos alguém... os nossos avós tinham essa cultura que a maioria dos brasileiros têm".

"Minha irmã foi roubada, levaram a moto dela; depois ela perdeu o emprego. A primeira frase da minha mãe: 'Camila, você precisa se benzer".

"Você pega minha mãe, por exemplo, ela acredita piamente. O meu carro quebrou; porque é urucubaca. Ela fala assim: 'Olha, não é que a peça estragou, não; mas você viu, você deu carona prá aquela fulana, aquela lá tem um olho... Ah! É inveja isso! Vá se benzer.' Você entendeu? Mas eu vou porque eu gosto dessa coisa, me completa, me chama muito a atenção".

"A minha avó fazia simpatia e ela contou isso prá gente. Minha irmã leva a minha sobrinha".

"Quando eu era criança minha mãe sempre me levava".

unesp

"Eu nasci, cresci dentro de uma família que sempre foi à benzedeira".

Dos alunos que responderam aos questionários, num total de cento e noventa e quatro, cinqüenta e oito não responderam quem os acompanhou aos benzimentos, o restante respondeu que:

78 (setenta e oito) foram com as mães;

11 (onze) com o pai;

15 (quinze) com a avó;

13 (treze) foram sozinhos e os demais com irmãos, tios, padrinhos e amigos.

O fato da transmissão desse costume estar fortemente ligado à família, desde uma idade bastante tenra, reforça essa crença e preserva esses saberes.

unesp

CAPÍTULO V

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo da crença nos benzimentos, do seu uso e costume, em sua realidade sensível, que estabelece relações sociais determinadas a partir de um sistema coerente de significados, porém inseridos na cultura popular, como um fato social abrangente, serviu de instrumento de análise da educação escolar que é oferecida às classes populares na região de Vera Cruz.

Partindo de dois conceitos de conhecimento que operam com lógicas desiguais – a do pensamento selvagem e a do pensamento científico moderno – relacionadas respectivamente à cultura popular e à cultura dominante, erudita, oficial nas escolas, a análise se deu sob dois aspectos: externo, a partir da relação da cultura popular com a cultura dominante, e interno, a partir da lógica prevalecente no contexto escolar.

O que foi possível observar e concluir sob o aspecto externo é que a relação entre ambas formas de conhecimento é de coexistência pacífica; não existe um embate conforme foi pressuposto no projeto de pesquisa.

Sob o aspecto interno, a lógica prevalecente no contexto cultural da escola é a lógica do pensamento selvagem, a ciência do concreto. As representações

unesp

que estão na fala dos professores, com referência aos benzimentos, seu uso e costume, estão permeadas por um fino verniz de concepções científicas. Tudo se apresenta tratado "cientificamente', à luz de fotografias de auras, evocando a física moderna, do "psicologismo" que pretende fundamentar as crenças e suas práticas. Entretanto, sob esse verniz que lustra tão bem essas concepções, o que se percebe sob essa superfície é uma progressiva e lenta deformação dos velhos hábitos e tradições, mas que se mantêm os mesmos modos de pensar e viver as tradições e o conservadorismo.

Não é apenas a educação escolar que forma alunos com deficiências de aprendizagem. Essa mesma deficiência está presente na formação do professor que não consegue definir com precisão os propósitos da educação escolar. Ao tratar do papel da escola básica, SAVIANI (1991, p.22) parte do seguinte:

> *"A escola é uma instituição cujo papel consiste na socialização do saber sistematizado. Vejam bem: eu disse saber sistematizado; não se trata pois de qualquer tipo de saber. Portanto, a escola diz respeito ao conhecimento elaborado e não ao conhecimento espontâneo; ao saber sistematizado e não ao saber fragmentado; à cultura erudita e não à cultura popular"*

unesp

As escolas em Vera Cruz lidam com alunos carentes, pobres, sem perspectiva de um futuro melhor, cuja sensibilidade muitas vezes encontra-se embotada pelas dificuldades com as quais têm que lidar no seu cotidiano. Muitas vezes agressivos, mas ainda vêm para a escola. Em entrevista com uma das professoras, ela revela:

Pesquisadora: A sexta série do período da tarde dá muito trabalho?

Professora: "Muito. Extremamente! Extremamente!

Pesquisadora: E tem criança de periferia?

Tem, tem bastante. Tem muito do sítio, mas realmente, é mais do sítio (zona rural). São repetentes. Ficaram ali. É aquela coisa de interesse, falta de interesse; não entendeu nada. (...) Isso eu não entendo. Eles vão, sabe? Eles não faltam, é muito raro esse povo faltar. Eles conversam, eles não copiam, eles não fazem nada, eles jogam papelzinho, eles jogam giz se eles puderem. Eles ficam cutucando o outro, eles andam pela classe; mas eles vão. (...) Eles gostam da escola, eles vão; se eles não gostassem, eles não iriam".

É preciso perguntar o que representa essa escola para essas crianças. Cheios de desejos e impulso por viver, incontidos, vão para a escola, para uma sala de aula onde agridem e são agredidos pelos desrespeitos às suas condições de vida, pela violência simbólica presente no contexto escolar, pela burocracia – impessoal, intransigente.

unesp

Às vezes, não se trata de dar um passo adiante – como disse tão bem uma das professoras – mas de dar três para trás; tentar entender o que DESCARTES, NEWTON, BACON deixaram de legado às gerações posteriores e avançar não no sentido de uma sociedade mecanicista e burocrática, na qual o Estado Moderno, ocidental e burguês levou a humanidade, mas através dos instrumentos oferecidos pela ciência moderna, fazer essa mesma sociedade avançar no sentido da razão humana.

Para GRAMSCI (1978, p.35), o que determina o senso comum é justamente o fato dele se manifestar, sobretudo, como sensibilidade, daí sua aproximação do que foi chamado por LÉVI-STRAUSS de "pensamento selvagem", que está ligado à observação do mundo e aos seus dados sensíveis. Dados que permitiram ao homem, primitivo ou não, conhecer e classificar, antes mesmo do desenvolvimento de todos os aparatos da ciência moderna.

Para distinguir as duas formas de pensamento que envolvem o pensamento selvagem - chamado de "ciência primeira" - e a ciência moderna, LÉVI-STRAUSS traçou um paralelo entre o bricoleur e o cientista, tomando por exemplo o engenheiro. Enquanto este trabalha com conceito, o que lhe permite ir além, superando as suas dificuldades a partir de um sistema teórico elaborado, o bricoleur permanece preso ao seu universo instrumental fechado. Ele pode variar em termos de composição do conjunto, mas não tem como operar a abertura, ir além.

A ciência moderna que se atém aos fatos, busca transcendê-los para conhecer a realidade além de sua aparência.

unesp

Novamente, é possível se aproximar de GRAMSCI (1978, p.12) na medida que a filosofia de práxis se constrói como crítica a todo pensamento precedente, bem como ao universo cultural. Nessa construção, não se deve desprezar o senso comum, mas aproveitar nele o que há de bom-senso. Há um núcleo no senso comum – o bom senso – que é aproveitável para a reflexão. É preciso trazê-lo à tona e dele se apropriar no sentido de poder fazer a transformação.

Portanto, é preciso penetrar na cultura popular e no pensamento que rege essa cultura, para a luz do conhecimento científico, dele se apropriar, a fim de realizar a transformação desejada: o "passo para a frente" e não mais "três para trás".

unesp

BIBLIOGRAFIA

ALVES, R. Religião e enfermidade. In: MORAIS (Org.) *A construção social da enfermidade*. Rio de Janeiro: Vozes, 1991. p. 27-45

APPLE, M.W. *Conhecimento oficial*. A educação democrática numa era conservadora. Rio de Janeiro: Vozes, 1993. 267p.

ARAÚJO, A. M. *Medicina rústica*. 3ed. .São Paulo: Nacional, 1979. p.296.

ARROYO, M. Operários e educadores se identificam: que rumo tomará a educação brasileira? In: *Revista Educação e Sociedade*, n.5, ano II, janeiro, 1980. p.5-23.

AUGRAS, M. *A dimensão simbólica*. Rio de Janeiro: Getúlio Vargas.1ed. 1967.

BERTRAND, M. O homem clivado - A crença e o Imaginário. In: SILVEIRA, P., DORAY (Org.) *Elementos para uma teoria marxista da subjetividade*. São Paulo: Vértice, 1989. p.15-40.

BOLTANSKY, L. *As classes sociais e o corpo*. Rio de Janeiro: Graal, 1979. 191p.

BOSI, E. *Cultura de massa e cultura popular*: leitura de operárias. Petrópolis: Vozes, 1986. 188p.

BOURDIER, P. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand,1994.

unesp

_____. & PASSERON, J. C. *A Reprodução*: Elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora S.A.,1975.

BRANDÃO, C. R. *O ardil da ordem*: caminhos e armadilhas da educação popular. Campinas: Papirus, 1983. 115p.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996). Lei nº9. 394 de 1996. Brasília: Subsecretaria de Edições Técnicas. 1997.48p.

CASCUDO,L. C. *Novos estudos afro-brasileiros*. Rio de Janeiro, Bib. da Divulgação Científica, 1927. p.87.

CERTEAU, M. *A cultura no plural*. Trad. E. A. Dobranszky. Campinas: Papirus, 1995.

CHAMMÉ, S. J. *Falta de saúde ou falhas na educação?* Marília: RDIDP, 1989. (Relatório)

_____. *Saúde: um processo em constante construção.* Marília: 1997. Tese (Livre Docência) -UNESP/FFC.

CHAUÍ, M. De S. *O que é Ideologia.* 31ed. São Paulo: Brasiliense, 1990. (Coleção Primeiros Passos). 125p.

COLAPIETRO, V. M. P. A*ppreach to self.* A semiotic perspective on Human Subjectivity. Albany, NY: State University, 1989. 141p.

CUNHA, L. A. *Educação e Desenvolvimento Social no Brasil.* Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988. 291p.

DURAND, G. *As estruturas antropológicas do imaginário.* Trad. H. Godinho. 1ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. 551p.

FARIA, A. L. G. *Ideologia no livro didático.* Cortez, 1994. 241p.

FIRTH, R. *Elementos de organização social.* Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1974. 243p.

FERNANDES, Florestan. Aspectos mágicos do folclore paulistano. In: *Folclore e mudança social na cidade de São Paulo.* Petrópolis: Vozes, 1979.

FONTENELLE, R. *Aimorés. Análise antropológica de um programa de saúde.* DASP, 1959.

FRAZER, J. G. ...La rama dorada: magia y religion. 3ed. México: Fondo de Cultura Economica, 1956. 860p.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido.* 17ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 184p.

_____. *Ação cultural para a liberdade e outros escritos.* 8ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. 149p.

_____. *Educação como prática de liberdade.* 22ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. 150p.

FROMM, E. *A Revolução da esperança.* São Paulo: Círculo do Livro, s.d.

GADOTTI, M. *Diversidade cultural e educação para todos.* Rio de Janeiro: Graal, 1992. 90p.

unesp

GALLIANO, A. G. *O método científico*: teoria e prática. São Paulo: Harbra, 1986. 200p.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Trad. F. Wrobel. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. 326p.

GIROUX, H. *Teoria crítica e resistência em educação*: para além das teorias de reprodução. Trad. A. M. B. Biaggio. Petrópolis: Vozes, 1986.

_____. *Escola crítica e política cultural*. Trad. D. M. L. Zibas. São Paulo: Cortez, 1987. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo, 20).

GRAMSCI, A. *Concepção Dialética da História*. Rio de Janeiro: Civ. Brasileira,1978.

_____. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Trad. C. N. Coutinho. 3ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

GUARESCHI, P., JOVCHELOVITCH, S. (Org.) *Textos e Representações Sociais*. Petrópolis: Vozes, 1994. p.64-85.

GRIGNON, C. Cultura dominante, cultura escolar, multiculturalismo popular. In: SILVA, Tomaz (Org.) *Alienígenas na sala de aula*. Petrópolis: Vozes, 1995. (Coleção estudos culturais em educação). 243p.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

KOSMINSKY, E. V. Pesquisas qualitativas: a utilização da técnica de história de vida e de depoimentos pessoais em sociologia. In: *Ciência e Cultura*, vol. 38, 1986. p.3.

LEACH, E. *Cultura e comunicação*: a lógica pela qual os símbolos estão ligados. Trad. C. R. Oliveira. Rio de Janeiro; Zahar Editores, 1978.

LÉPINE, Claude. *O Inconsciente na Antropologia de Lévi-Strauss.* São Paulo: Ática, 1974. 85p.

LÉVI-STRAUSS, C. *O pensamento selvagem.* Trad. M. C. da C. e Souza, A. de O. Aguiar. 2ed. São Paulo: Nacional, 1976. 331p.

_____. Antropologia Estrutural II. Rio de Janeiro: Tempo Moderno, 1979. p.193-265.

LOYOLA, A. *Médicos curandeiros*. Difel, 1984.

MACEDO, C. C. Algumas observações sobre a questão da cultura do povo. In: QUEIROZ, A. (Org.) *A cultura do povo*. São Paulo, Cortez, 1988. p. 40-56.

MARCONDES FILHO, C. Imaginário, o arquiteto da revolução. In: *A linguagem da sedução.* São Paulo: Perspectiva, 1988. (Debates, 210). p. 15-38.

MCLAREN, P. *Multiculturalismo crítico.* Trad. B. O. Shafer. São Paulo: Cortez, 1997. 239p.

MEC/SEF. *Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais.* Brasília: vol. 8, 1977.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

MINAYO, M. C. de S. Saúde e doença: uma concepção popular da etiologia. In: *Cadernos de Saúde Pública,* Rio de Janeiro: 4 (4), out./dez. 1988. p. 363-381.

MOCHCOVITCH, L. G. *Gramsci e a Escola.* São Paulo: Ática, 1988. 79p.

MONTERO, P. *Da doença à desordem.* Rio de Janeiro: Graal, 1985.

OLIVEIRA, E. R. de. *O que é Benzeção*. 2ed. São Paulo: Brasiliense, 1984. (Coleção Primeiros Passos). 125p.

OLIVEIRA, P. R. Religião e dominação de classe. O caso da Romanização. In: *Revista Religião e Sociedade*, nº6, 1980. p. 167-187.

_____. *O que é medicina popular.* São Paulo: Brasiliense, 1984. (Coleção Primeiros Passos). 92p.

ORTIZ. *A consciência fragmentada*: ensaios de cultura popular e religião. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. 192p.

PAIVA, V. Estado e educação popular: recolocando o problema. In: BRANDÃO, C.R. (Org.) *A questão política da educação popular*. 7ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. p.79-87.

PARMENTIER, J. R. *The Pragmatic Semiotics of cultures*. In: Revista Semiótica. vol. 116, 1997. p. 91.

PEREIRA QUEIROZ, M.I. *Variação sobre a técnica do gravador no registro da informação viva.* São Paulo, CERU-FEL CH/USP, 1983.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

_____. Relatos orais do "indizível" ao "dizível". In: Olga R.M.Von Simson (Org.) *Experimentos com histórias de vida: Itália Brasil.* São Paulo: Vértice, 1988. (Enciclopédia Aberta de Ciências Sociais). p. 14-43.

PESAVENTO, S. J. Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário. In: *Revista de Outra História,* São Paulo: vol. 15, n. 29, 1995. p. 9-27.

QUEIROZ, M. de S. Feitiço, Cura, Mau olhado e Susto, seus tratamentos e prevenções. In: *Religião e sociedade*, n. 5, São Paulo: 1980. p.131-160.

QUINTANA, A. M. *A ciência da benzedeira*: mau olhado, simpatias e uma pitada de psicanálise. Bauru. SP: Edusc, 1999. 222p.

SANTAMARIA, Mons. *Vera Cruz foi assim.* Depto de Publicações e Comunicações do Centro Diocesano da Pastoral de Marília. Marília: 1981.

SANTOS FILHO, L. de C. *História geral da medicina brasileira.* São Paulo: Hucitec/Ed.USP, 1977. p.14-224.

SANTOS, J. L. *O que é cultura*. 3ed. São Paulo, Brasiliense, 1985. 187p.

SAVIANI, D. *Pedagogia Histórico-Crítica*: primeiras aproximações. São Paulo: Cortez, Autores Associados. 1991. (Coleção Polêmicas do nosso Tempo). v.40. 112p.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

SILVA, T. T. da. Alienígenas na sala de aula. In: SILVA,T. T. da. (Org) *Alienígenas na sala de aula.* Petrópolis: Vozes, 1995. 243p.

_____. *Identidades terminais*: as transformações na política da pedagogia e na pedagogia da política. Petrópolis: Vozes, 1996.

SILVEIRA, L. F.B. da. A produção dos signos numa estrutura social antagônica. In: *Revista Trans/Form/Ação*, vol. 3, 1980. p.81-90.

SOUZA, L. de M. *O Diabo e a Terra de Santa Cruz*: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial. São Paulo: Companhia das Letras, 1986. 396p.

SZASZ, T. *A fabricação da loucura*: um estudo comparativo entre a inquisição e o movimento de saúde mental. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara S.A, 1971. 408p.

TRINDADE, L. *O imaginário*. São Paulo: Edusp, 1955.

WEBER, M. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Trad. A. F. Bastos, L. Leitão. 3. Lisboa: Ed. Presença, 1990. 228p.

_____. *Textos selecionados*. Seleção de Maurício Tragtenberg. 2ed. São Paulo: Editora Abril Cultural, 1980. (Coleção Os Pensadores).

XIDIEH, O. E. *Semana Santa Cabocla*. São Paulo: IEB/USP, 1972.

unesp


ILEUS
ENCUADERNADORA